



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO

CARLOS ALEXANDRE HOLANDA PEREIRA

CULTURA CORPORAL E FORMAÇÃO DE PROFESSOR NO CURSO DE
EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFC

FORTALEZA - CEARÁ

2017

CARLOS ALEXANDRE HOLANDA PEREIRA

CULTURA CORPORAL E FORMAÇÃO DE PROFESSOR NO CURSO DE EDUCAÇÃO
FÍSICA DA UFC

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação. Área de Concentração: Formação de Professores.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Socorro Lucena Lima.

FORTALEZA - CEARÁ

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Pereira, Carlos Alexandre Holanda.

Cultura corporal e formação de professor no curso de educação física da UFC [recurso eletrônico] / Carlos Alexandre Holanda Pereira. ? 2017.

1 CD-ROM: il.; 4 ? pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 92 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado acadêmico) ? Universidade Estadual do Ceará, Centro de Educação, Mestrado Acadêmico em Educação, Fortaleza, 2017.

área de concentração: Formação de Professores.

Orientação: Prof.ª Dra. Maria Socorro Lucena Lima..

1. Formação de professor. 2. Educação Física. 3. Currículo. 4. Cultura corporal. I. Título.

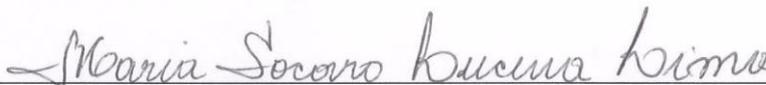
CARLOS ALEXANDRE HOLANDA PEREIRA

CULTURA CORPORAL E FORMAÇÃO DE PROFESSOR NO CURSO DE EDUCAÇÃO
FÍSICA DA UFC

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Educação. Área de Concentração: Formação de Professores.

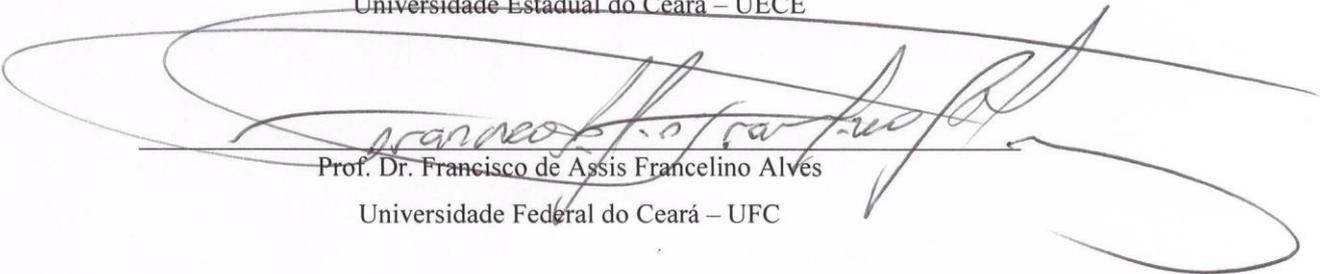
Aprovada em: 12 de janeiro de 2017.

BANCA EXAMINADORA



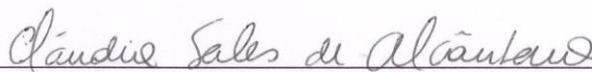
Profa. Dra. Maria Socorro Lucena Lima (Orientadora)

Universidade Estadual do Ceará – UECE



Prof. Dr. Francisco de Assis Francelino Alves

Universidade Federal do Ceará – UFC



Profa. Dra. Cláudia Sales de Alcântara

Centro Universitário Católica de Quixadá – UNICATÓLICA

Dedico este trabalho aos meus pais, Patrícia Holanda e Lídio Neto (*in memoriam*), com todo meu amor e gratidão, pelos exemplos de caráter, honestidade e por tudo que fizeram ao longo de minha vida por minha formação. E por terem despertado em mim a paixão pela docência.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho deve a sua existência às contribuições inestimáveis de pessoas e instituições às quais dirijo a minha gratidão:

A Deus por ter me dado a permissão de chegar até aqui, e por toda a força concedida na concretização desse sonho. Além disso, agradeço a Ele por todas as pessoas que cruzaram meu caminho e que estão aqui citadas.

Aos meus irmãos Luíza Carolina e Augusto Cesar, pelo afeto que nos une e pelo apoio incondicional.

A Ariella, pela paciência, compreensão, solicitude e presença ao longo desta caminhada.

A Profa. Dra. Maria Socorro Lucena Lima, orientadora e amiga tão presente, pelos ensinamentos acadêmicos e da vida, sempre me encorajando para os desafios, desvendando qual o melhor caminho a seguir (o segredo do sucesso).

Ao Prof. Dr. Francisco de Assis Francelino Alves, pela presença amiga, disponibilidade e contribuição na leitura do texto.

A Prof. Dra. Cláudia Sales de Alcântara e Prof. Dr. Elcimar Simão Martins pela leitura do trabalho e sugestivas contribuições.

A coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação, nas pessoas da Profa. Dra. Isabel Sabino e Prof. João Batista, pela organização e dedicação.

À secretária do PPGE, Jonelma Marinho, pelo auxílio e aos demais servidores da UECE.

Aos professores da Universidade Federal do Ceará - UFC por terem aberto suas portas para a realização desta pesquisa.

Aos que estiveram comigo no dia-a-dia dividindo alegrias, tristezas e desafios: Manoel Pineo, Regiane Araújo, Ribamar.

A todos (as) os (as) professores (as) que contribuíram para a minha formação.

A FUNCAP pelo incentivo a pesquisa e pelo apoio financeiro.

RESUMO

O presente estudo aborda a formação do Professor de Educação Física, no tocante às suas necessidades para lidar com as questões relativas à Cultura Corporal veiculada no currículo do Curso de Licenciatura da Universidade Federal do Ceará (UFC). O interesse da pesquisa surgiu a partir da grande pergunta: como as concepções e práticas relativas ao desenvolvimento da Cultura Corporal se fazem presentes no Currículo do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Ceará? Diante disso, foram delineados como objetivos da investigação em pauta: Analisar as relações estabelecidas entre as concepções e as práticas relativas ao desenvolvimento da Cultura Corporal no Currículo do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Ceará para a formação dos seus alunos; identificar os significados atribuídos à cultura corporal na história da Educação Física, como ciência que envolve corpo e movimento; investigar a Cultura Corporal presente na estrutura curricular do Curso de Educação Física da UFC, assim como sua repercussão na formação dos seus alunos; verificar como as concepções de Cultura Corporal interferem na prática pedagógica dos estudantes e professores do Curso de Educação Física da UFC. Para apreensão das evidências empíricas, foi utilizada a abordagem qualitativa de pesquisa de caráter exploratório (BOGDAN; BIKLEN, 1994 e GIL, 2009). Os mecanismos de coleta de dados foram compostos de questionários, aplicados com cinco professores do referido curso. O referencial teórico dialogou com autores como Daolio (2013); Darido; Rangel (2005); Neira (2006); Gramorelli (2014); Nunes (2006); Soares (1992); Cuche (2002); no que diz respeito ao currículo foram utilizados como referência Silva (2000); Hall (2006); Arroyo (2011); Sacristán (2000); com relação às reflexões sobre formação de professores foram utilizados estudos de Therrien (2005); Lima (2002); Veiga (2007); Pimenta (2008); Imbernón (2010); Charlot (2013) e Anastasiou (2002). O estudo evidenciou o valor de se adotar uma Cultura Corporal que levasse em conta seu aspecto formativo, considerando a individualidade do aluno, suas experiências, com critérios flexibilizados, rompendo-se com toda e qualquer forma de apreciações equalizantes.

Palavras-chave: Formação de professor. Educação física. Currículo. Cultura corporal.

ABSTRACT

The present study deals with the formation of the Physical Education Teacher, regarding their needs to deal with the issues related to Body Culture conveyed in the curriculum of the Licentiate Course of the Federal University of Ceará (UFC). The interest of the research arose from the great question: how the conceptions and practices related to the development of the Body Culture are present in the Curriculum of the Degree in Physical Education of the Federal University of Ceará? Therefore, the objectives of this research were: To analyze the relationships established between the conceptions and practices related to the development of Body Culture in the Curriculum of the Licentiate Course in Physical Education of the Federal University of Ceará for the training of its students; To identify the meanings attributed to body culture in the history of physical education as a science involving body and movement; To investigate the Body Culture present in the curricular structure of the Physical Education Course of the UFC, as well as its repercussion in the training of its students; To verify how the conceptions of Corporal Culture interfere in the pedagogical practice of the students and professors of the Physical Education Course of the UFC. For the apprehension of empirical evidence, a qualitative exploratory research approach was used (BOGDAN; BIKLEN, 1994 and GIL, 2009). The data collection mechanisms were composed of questionnaires, applied with five teachers of this course. The theoretical reference dialogues with authors such as Daolio (2013); Darido; Rangel (2005); Neira (2006); Gramorelli (2014); Nunes (2006); Soares (1992); Cuche (2002); In relation to the curriculum were used as reference Silva (2000); Hall (2006); Arroyo (2011); Sacristán (2000); With respect to reflections on teacher training, studies were used by Therrien (2005); Lima (2002); Veiga (2007); Pimenta (2008); Imbernón (2010); Charlot (2013) and Anastasiou (2002). The study evidenced the value of adopting a Body Culture that took into account its formative aspect, considering the individuality of the student, his experiences, with flexible criteria, breaking with any and all form of equalizing evaluations.

Keywords: Teacher Training. Physical education. Curriculum. Body Culture.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CES	Câmara de Educação Superior
CNE	Conselho Nacional de Educação
CONFED	Conselho Federal de Educação Física
CREF	Conselho Regional de Educação Física
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
FACED	Faculdade de Educação
IDJ	Instituto Dom José
IEFES	Instituto de Educação Física e Esportes
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UFC	Universidade Federal do Ceará

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO	15
1.1.1	Descrição da inserção no campo da pesquisa	17
1.1.2	Descrição do questionário	18
2	EDUCAÇÃO FÍSICA DA CIÊNCIA A DOCÊNCIA	20
2.1	UMA ABORDAGEM HISTÓRICO-CONCEITUAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA .	20
2.2	ESTUDOS E PESQUISAS NA ÁREA.....	24
2.3	FORMAÇÃO DO DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA	25
3	CORPO E CULTURA CORPORAL	29
3.1	CORPO E MOVIMENTO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	29
3.2	CULTURA E CULTURA CORPORAL NO CAMPO DA EDUCAÇÃO FÍSICA	32
3.3	CULTURA CORPORAL E PRÁTICA DOCENTE.....	36
3.4	O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA ENTRE A MERCANTILIZAÇÃO DO CORPO E A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO	37
3.5	O TRABALHO NA PERSPECTIVA DO CAPITAL.....	41
4	CULTURA CORPORAL E ESTRUTURA CURRIULAR NO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ	44
4.1	ESTRUTURA CURRICULAR: ASPECTOS CONCEITUAIS	44
4.2	O CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFC	48
4.3	O CURRÍCULO DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFC EM RELAÇÃO A CULTURA CORPORAL.....	50
5	A PESQUISA E SEUS RESULTADOS	51
5.1	PARTE I – IDENTIFICAÇÃO COM A PROFISSÃO DOCENTE	51
5.1.1	O professor de Educação Física na sociedade atual	51
5.1.2	Preocupações das IES no tocante aos professores de Educação Física	54
5.1.3	A chegada a profissão e o tempo de atuação profissional	56
5.1.4	Expectativa quanto ao profissional de Educação Física: valores e responsabilidades	59
5.2	PARTE II – O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA SOCIEDADE ATUAL.....	61
5.2.1	Demandas da sociedade do ‘corpo sarado’ e ‘geração saúde’	61

5.2.2	A Cultura Corporal e suas implicações no corpo de professores de Educação Física	64
5.2.3	A Educação Física e a precarização do trabalho e o culto ao corpo	66
5.3	PARTE III – O CURSO DE FORMAÇÃO	68
5.3.1	Os alunos do Curso de Educação Física da UFC.....	68
5.3.2	O Currículo do Curso de Educação Física.....	70
5.3.3	Sobre a proposta curricular do Curso de Educação Física da UFC.....	71
5.4	PARTE IV – CULTURA CORPORAL	72
5.4.1	A Cultura Corporal no Curso de Educação Física da UFC	72
5.4.2	Cultura Corporal dos componentes curriculares do Curso de Educação Física da UFC.....	74
5.4.3	Reflexões sobre Cultura Corporal nas aulas.....	75
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	78
	REFERÊNCIAS	81
	ANEXOS	88
	ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO.....	89
	ANEXO B - QUESTIONÁRIO	90

1 INTRODUÇÃO

A Educação Física na sociedade atual se situa num contexto contraditório entre a ideologia do ‘corpo sarado’ e a ‘geração saúde’, em confronto com as condições reais dos trabalhadores e, especificamente, do professor de Educação Física. Tanto na condição de aluno, como de professor desse campo de conhecimento, tais experiências evidenciaram as necessidades formativas dos docentes da área para lidar com as questões relativas à Cultura Corporal veiculada nos referidos cursos e presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação Física (PCN) para o ensino fundamental (BRASIL, 1997). Esse documento preconiza que a Cultura Corporal abrange cinco componentes: o Jogo, o Esporte, a Dança, a Ginástica e a Luta, que seriam os conhecimentos da Educação Física a serem trabalhados na escola. Outro aspecto relevante consiste em que, apesar do surgimento das Novas Diretrizes para formação em Educação Física, no que se refere às resoluções CNE/CP 01/2002 e CNE/CES 07/2004, os cursos ainda apresentam uma tônica voltada para o esporte em seus currículos. O que nos leva a inferir que as ações do professor de Educação Física se constituem como uma atividade que se aproxima mais do técnico do que de educador.

Tal situação nos coloca diante de uma discussão sobre o currículo dos Cursos de Licenciatura em Educação Física, no sentido de indagar sobre os conteúdos que contemplam os componentes da Cultura Corporal. Dessa forma, questionamos se os Currículos do Curso de Educação Física contemplam a dimensão de integração do corpo e do movimento na formação profissional do futuro docente dessa área. Questionamos, ainda, sobre as práticas pedagógicas que observamos e experienciamos no contexto dos limites impostos pela formação da Educação Física que, muitas vezes, traz marcas de práticas tecnicistas e fragmentadas do corpo e a profunda dificuldade de articular os saberes científicos com as significações que vão além da dimensão tecnicista da formação.

Esse contexto nos remete ao pensamento de Neira (2009), ao defender que a Educação Física deve se preocupar em estudar o chamado patrimônio corporal, apontando que o trabalho do educador físico deve priorizar a pesquisa de modo a responder ao desafio: como os grupos sociais se expressam, através do movimento na escola, nos esportes, jogos, lutas, ginásticas, brincadeiras e danças, buscando compreender as condições que inspiraram essas criações e experimentá-las, refletindo sobre quais alternativas e alterações são necessárias para vivenciá-las no espaço escolar?

Ao entrar no curso de Licenciatura Educação Física fiquei¹ motivado com a profissão, sendo um dos primeiros a conseguir estágio. Essa oportunidade me possibilitou diversas vivências em vários campos de atuação que a profissão oferece: atuar como preparador físico nas categorias de base do Fortaleza Esporte Clube e no BNB Club; estagiar em academias renomadas e no Colégio Maria Ester, onde foi realizado meu Estágio Curricular Supervisionado. As experiências citadas possibilitaram a construção da minha identidade como profissional e a articulação da teoria com a prática, apesar de os estágios terem apresentado condições precarizadas de trabalho, como bolsas defasadas, falta de infraestrutura para desenvolvimento das atividades e sobrecargas no horário de trabalho.

No sexto semestre, matriculei-me em uma especialização em Fisiologia do Exercício, com o intuito de ao término do curso de graduação, com mais um semestre, concluir os dois cursos quase simultaneamente. Tais iniciativas, faziam parte do projeto de me tornar professor universitário. Por outro lado, o curso de Especialização colaborou como forma de capacitação para atuar como auxiliar de preparação física no time de futebol do Fortaleza e nas modalidades desportivas no BNB, dentre elas voleibol, nado sincronizado, basquetebol, futebol de salão e judô. Essa formação me possibilitou, ainda, receber um convite para ocupar o cargo de coordenador de uma das redes de academias de Fortaleza. Ao concluir os cursos, a graduação e a especialização lato- senso, investi em vários cursos de extensão. A partir desse momento, comecei a ministrar aulas como *Personal Trainer*, mas sempre em busca de conseguir espaço dentro de uma faculdade, partindo do pressuposto que existia uma grande carência de especialistas em Fisiologia no mercado.

O interesse em pesquisar a formação de professores de Educação Física deu-se por conta da minha trajetória nessa área, além da trajetória realizada por meu pai, Lídio Pereira Neto, que foi professor de Educação Física da Universidade Federal do Ceará e um dos fundadores do Curso de Educação Física nesta unidade de ensino superior. Meu pai se tornou referência nesta área, tanto na docência, como nos esportes onde atuou como jogador de futebol no Fortaleza Futebol Clube. Seu precoce falecimento levou-me à necessidade de ingresso no mercado de trabalho, logo após a conclusão do curso de Licenciatura, com as experiências docentes no campo pedagógico da Educação Física no Instituto Dom José², atuando como substituto, na sede da Parangaba. No início, a insegurança foi grande, mas não

¹ Neste trecho do texto, como fazemos menção a questões que se referem a nossa trajetória acadêmica, pessoal e
² Instituto Dom José coordena cursos da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), atuando em Fortaleza e em vários municípios do interior do Ceará. A unidade da Parangaba é uma das quatro unidades de Fortaleza (Disponível em: <http://www.idj.com.br/unidades>. Acesso em: 20/11/2016).

podia deixar passar essa oportunidade, uma vez que o meu objetivo era chegar à docência universitária.

Entre na sala de aula pela primeira vez, com a missão de ministrar uma das disciplinas mais temidas no Curso de Educação Física, Fisiologia do Exercício. A turma que contava com cinquenta alunos, sendo a maioria bem mais velha do que eu, que tinha 23 anos, me olhava com o ar de dúvida. Comecei a aula com o nervosismo próprio dos iniciantes. Fiz uma sondagem da área de atuação dos discentes, com o intuito de ir direcionando o assunto de acordo com as necessidades prioritárias dos mesmos. No término da referida disciplina, a coordenadora ofereceu-me mais duas disciplinas para serem ministradas no interior do estado como professor terceirizado, as quais me possibilitaram a oportunidade de me deparar com desafios da prática docente. Após seis meses, fui indicado para ensinar na Faculdade Ratios, por um docente que tinha sido meu professor na graduação. Essas vivências, como primeiros passos na profissão, foram me situando na atividade docente e me indicando o caráter identitário do profissional do magistério.

As experiências vivenciadas possibilitaram duas visões sobre uma mesma realidade - a de técnico e a de professor - bem como o interesse pela formação docente na área da Educação Física. Descobri que para contribuir para a mudança desse contexto, eu teria que me aprofundar na formação docente, uma vez que a Educação Física não pode ser uma prática alienada e os seus profissionais de ensino precisam ter consciência do seu papel como professores reflexivos. A partir de então, depusitei a esperança de me profissionalizar no magistério, pelo caminho do desenvolvimento profissional, através do curso de mestrado em Educação na Universidade Estadual do Ceará (UECE), uma experiência única que me proporcionou uma formação diferenciada.

Também se explicitou, nessa trajetória, a necessidade de refletir sobre a docência e pesquisa no campo da Educação Física, bem como investir na minha formação na busca da superação do tecnicismo que permeia muitos dos processos formativos nesta área. Nessa direção, concordo com Lima e Gomes (2002, p.164) quando afirmam que a

[...] reflexão pressupõe relações sociais, revela interesses sociais, culturais, políticos, não é um processo mecânico nem tampouco gerador de novas ideias. É antes uma prática, que deve expressar o nosso poder de reconstrução social.

Quando as autoras ressaltam a questão do poder de reconstrução social do professor, apontam para a dimensão política da docência que tem o profissional do ensino como educador.

Essa compreensão se propõe a romper com uma formação de professor que concentra sua prática docente no interior da sala de aula, relegando a Cultura Corporal, seus conteúdos e concepções a um segundo plano. Tal preocupação extrapola a compreensão do processo de construção de conhecimentos centrado na ação cognitiva e busca o caráter educativo de humanização do homem, enquanto sujeito que vive em comum-união com os outros.

Por outro lado, é importante observar que a sociedade atual concebe o corpo na esteira mercadológica, tendo tipos de beleza como modelos a serem seguidos. No âmbito da Cultura, o narcisismo, que se caracteriza como o culto à beleza e ao sucesso pessoal, idealizados como bens cada vez mais procurados a serem adquiridos por meio do consumo. Na perspectiva do mercado, os meios de comunicação propagam formas diversas de aquisição dos padrões de beleza, que englobam desde estratégias mais simples às mais demoradas, que são vendidas na perspectiva de educação em saúde; até intervenções mais rápidas e de alto custo, como cirurgias, alardeados como eficazes, sem contar as academias e clínicas especializadas. Em paralelo a essa questão está a Educação Física Escolar que nem sempre toca em tais aspectos, se resumindo a jogos e brincadeiras que afastam os alunos de tal componente curricular. Nesse cruzamento contraditório, o professor de Educação Física tem dificuldade de se situar como profissional do seu campo de conhecimento e sua função social.

Dessa forma, o percurso percorrido permitiu formular os questionamentos que servem de ponto de partida para a presente investigação:

- a) Quais os significados atribuídos à Cultura Corporal na história da Educação Física, como ciência que envolve corpo e movimento?
- b) Como a Cultura Corporal se faz presente na estrutura curricular do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Ceará e que repercussões traz para a formação de seus alunos?
- c) Como as concepções da Cultura Corporal interferem na prática pedagógica dos estudantes e professores do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFC?

Considerando as questões supracitadas, emerge a grande pergunta desta pesquisa: Como as concepções e práticas relativas ao desenvolvimento da Cultura Corporal se fazem presentes no Currículo do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Ceará?

Assim, foi definido como objetivo geral desta investigação analisar as relações estabelecidas entre as concepções e as práticas relativas ao desenvolvimento da Cultura Corporal no Currículo do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Ceará, para a formação dos seus alunos.

Os objetivos específicos definidos foram: Identificar os significados atribuídos à Cultura Corporal na história da Educação Física, como ciência que envolve corpo e movimento; Investigar a Cultura Corporal presente na estrutura curricular do Curso de Educação Física da UFC, assim como sua repercussão na formação dos seus alunos; Verificar como as concepções de Cultura Corporal interferem na prática pedagógica dos estudantes e professores do Curso de Educação Física da UFC.

1.1 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

O objeto de estudo da presente pesquisa consiste na compreensão da Cultura Corporal veiculada no Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Ceará. Por esse motivo, foi estabelecido um diálogo com Daolio (2013), Neira (2006), Silva (2000), Arroyo (2011), com o intuito de lançar luzes à compreensão da Cultura Corporal presente no currículo de formação do educador físico e na sua prática pedagógica.

O caminho metodológico trilhado para a obtenção e análise dos dados da pesquisa priorizou uma abordagem qualitativa, possibilitando uma visão dialética da questão. Essa preocupação decorreu não só do referencial teórico para compreensão da Cultura Corporal, como também das teorias críticas e pós-críticas do currículo e da formação do professor reflexivo. Trata-se da proposta de romper com uma formação de professor que concentra sua prática docente no interior da sala de aula, para assumir a Cultura Corporal, seus conteúdos, concepções e práticas como processo de construção de conhecimentos significativos. Freire (1989, p. 14) contribuiu para elucidar essa opção por defender que "[...] sem viver concretamente, corporalmente, as relações espaciais e temporais de que a cultura infantil é repleta, fica difícil falar em educação concreta, em conhecimento significativo, em formação para a autonomia, em democracia e assim por diante".

Na elaboração do caminho metodológico foi priorizada a lógica do pensamento de Gil (1999), por defender que para ser um bom pesquisador é preciso ter conhecimento do assunto, ser criativo, ter curiosidade, ser íntegro intelectualmente e apresentar sensibilidade social. O autor argumenta, ainda, que a pesquisa exploratória objetiva, principalmente, o desenvolvimento, o esclarecimento e a modificação de conceitos e ideias, bem como a

formulação de problemas mais bem definidos ou pressupostos pesquisáveis para estudos futuros. O autor acrescenta que a pesquisa exploratória tem como finalidade desvendar e explorar assuntos poucos conhecidos.

Nesse contexto, foram investigadas a concepção de corpo e as práticas pedagógicas presentes nos currículos do curso de licenciatura em Educação Física da UFC, na cidade de Fortaleza - Ceará. Para tanto, utilizamos a abordagem qualitativa de pesquisa de caráter exploratório.

A pesquisa qualitativa pode ser considerada aquela em que os pesquisadores se interessam por compreender os significados que os indivíduos dão à sua própria vida e as suas experiências. Segundo Strauss e Corbin (2008, p. 23) a pesquisa qualitativa:

Pode se referir à pesquisa sobre a vida das pessoas, experiências vividas, comportamentos, emoções e sentimentos, e também à pesquisa sobre funcionamento organizacional, movimentos sociais, fenômenos culturais e interação entre nações.

O conceito nos mostra a importância de analisar as experiências na vida das pessoas e o significado das mesmas para que possamos entender os fenômenos da sociedade em que estamos inseridos. Diante disso, a pesquisa qualitativa com técnicas interpretativas foi a modalidade utilizada para investigar a Cultura Corporal do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFC.

Para maior entendimento da questão foram utilizados os estudos sobre a pesquisa bibliográfica, no sentido de subsidiar os debates e aprofundar os conhecimentos de acordo com os estudiosos da questão. Lakatos e Marconi (1999, p. 73) afirmam que a pesquisa bibliográfica tem por objetivo possibilitar ao pesquisador o contato imediato com um expressivo número de escritos (publicações, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, entre outros) a respeito de determinado assunto, propiciando, ainda, “[...] o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”. Gil (2012, p.50) complementa essa ideia apontando que “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente [...]”.

A pesquisa bibliográfica se encontra presente em qualquer estudo científico por permitir a elaboração da fundamentação teórica, para justificar os limites da investigação ou para os próprios resultados. Esse tipo de pesquisa possibilita ao pesquisador a oportunidade de estabelecer contato com o que foi publicado ou registrado sobre a temática de investigação. Utilizamos para a coleta de dados junto aos sujeitos a aplicação de questionários.

Quanto à análise dos dados, seguimos com análise documental que para Lüdke e André (1986, p. 38) “[...] a análise documental pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema”. Já Blumer (1980), aponta o documento como fonte de registro a partir das experiências ou vivências, isto é, consolidando experiências que tragam reflexões de um aspecto cultural em extensas dimensões.

No nível prescritivo do currículo (documental) foi feita uma análise do currículo do Curso de Licenciatura em Educação Física, considerando como elemento importante a Cultura Corporal presente na atual proposta que ao longo de seu desenvolvimento foi sendo reconceptualizada, assumindo práticas pedagógicas de abordagem da Cultura Corporal mais adequadas aos contextos que se desenvolveram.

Diante do exposto, podemos perceber que a natureza da pesquisa corroborou para diversificação das técnicas de investigação, no sentido de obter uma visão de totalidade do objeto.

Para análise dos dados coletados, recorreremos a Bardin (2011, p. 48), com a análise de conteúdo, concebida como:

Um conjunto de técnicas de análise de comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens.

A pesquisa bibliográfica foi utilizada como outro recurso metodológico com o objetivo de conhecer a história da Educação Física, a construção genealógica dos saberes acerca do corpo e a prática integrada dos recursos organicistas e humanistas. Assim como os significados atribuídos pelos professores com as brincadeiras que realizam nesse componente curricular, como a recreação.

1.1.1 Descrição da inserção no campo da pesquisa

A inserção no campo de pesquisa para realizar a aplicação dos questionários ocorreu inicialmente junto à coordenação do curso. O fato de conhecer alguns professores do curso nos colocava em situação de familiaridade, colaborando de forma positiva com o acesso ao campo e aos sujeitos.

Nos primeiros contatos com os professores e nas visitas às dependências do curso, construímos um panorama geral do ambiente, conversamos informalmente com os funcionários da coordenação do curso e colhemos dados sobre o núcleo gestor para, em seguida, entrar em contato com docentes solicitando que respondessem os questionários.

1.1.2 Descrição do questionário

Foi aplicado junto aos professores um questionário (ANEXO B) composto de perguntas, com a finalidade de compreender as relações estabelecidas entre as concepções e as práticas relativas ao desenvolvimento da Cultura Corporal no currículo. Para tanto, o questionário contemplou os seguintes aspectos:

- a) Identificação e profissão;
- b) O professor de Educação Física na sociedade atual;
- c) O curso de formação;
- d) Cultura Corporal.

De acordo com Neves (1996) essas evidências empíricas foram apreendidas com o intuito de possibilitar o acesso ao significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida como preocupação do investigador e o enfoque indutivo, pois parte da particularidade das evidências empíricas suficientemente constatadas para inferir uma verdade universal. Também incorpora a questão do significado e da intencionalidade; se preocupa com o universo dos significados, motivos, aspirações, valores e atitudes e suas evidências empíricas demonstram a perspectiva dos significados atribuídos pelos sujeitos da pesquisa.

As análises das evidências empíricas auxiliaram a compreensão do professor do currículo nos seus diferentes níveis (prescritivo, perceptivo, experiencial e oculto). De modo geral, a aplicação do questionário correspondeu às expectativas propostas na pesquisa, pois permitiu captar a percepção dos atores sociais.

A presente dissertação, decorrente deste processo de investigação, está organizada em quatro capítulos, além da introdução e das considerações finais.

O capítulo inicial, intitulado **Educação Física: da ciência à docência**, aborda o referencial teórico, no que diz respeito à estrutura curricular dos cursos de Licenciatura em Educação Física, com destaque para a Cultura Corporal e sua relação com a formação docente.

O segundo, que recebe o título de **Corpo e Cultura Corporal**, traz para discussão o conceito e a história da Educação Física, mostrando o percurso traçado desde seu início até ser reconhecido como ciência. Em seguida, discorre sobre as necessidades formativas do professor de Educação Física e sobre sua contribuição no contexto social. Por último, busca enfatizar a relação da Educação Física com a Cultura Corporal.

O terceiro capítulo, intitulado **Cultura Corporal e estrutura curricular no Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Ceará**, traz a análise do currículo dos Cursos de Licenciatura em Educação Física, com o intuito de entender o processo formativo dos seus alunos. A análise compreendeu o estudo da proposta prescritiva do curso, bem como da legislação, ou seja, os Parâmetros Curriculares Nacionais e as Diretrizes Curriculares, e, ainda, a composição do currículo do curso de Educação Física, buscando compreender qual o lugar da Cultura Corporal no referido curso.

O quarto capítulo, que tem como título **Cultura Corporal e estrutura curricular no curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Ceará**, traz, a partir das evidências empíricas, discussões sobre a compreensão do Currículo de Licenciatura em Educação Física, no sentido de entender o processo formativo dos seus alunos.

Por fim, apresentamos **A pesquisa de seus resultados**, onde estão expressas reflexões acerca dos achados da pesquisa, assim como as considerações finais da investigação.

A relevância desta pesquisa reside na possibilidade de discussão da concepção de Cultura Corporal presente no Curso de Licenciatura em Educação Física da UFC, com o objetivo de entender como a mesma é trabalhada junto aos discentes do referido curso, levando em conta as mudanças da sociedade contemporânea relacionadas à globalização, que acabam refletindo na cultura do corpo, reconhecendo, pois, que o conceito de corpo muda de acordo com a cultura e valores sociais.

2 EDUCAÇÃO FÍSICA DA CIÊNCIA A DOCÊNCIA

O presente capítulo tem o intuito de analisar a Educação Física como área do conhecimento e espaço de formação docente. Para tanto, optamos pela trilha histórica, observando como a Educação Física, em sua prática acadêmica, passou por um processo de fragmentação e especialização, característico da ciência moderna, indo além das técnicas pedagógicas esportivas, alcançando os conhecimentos científicos sobre os movimentos do corpo humano. Assim, as discussões abordam a identificação dos significados atribuídos à Cultura Corporal na história da educação física, como ciência que envolve corpo e movimento.

2.1 UMA ABORDAGEM HISTÓRICO-CONCEITUAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA

A percepção do movimento era um dos pré-requisitos para que o homem da caverna tivesse condição de sobreviver, pois o ato físico fazia parte do seu cotidiano, não só para busca de alimentos e caça, como também para sua defesa pessoal. Consequentemente, por questões de sobrevivência, ele dependia de sua habilidade de marchar, trepar, correr, saltar, lançar, atacar e defender, levantar e transportar, que foram movimentos desenvolvidos pelos homens pré-históricos. A partir destes elementos podemos perceber que a construção do estudo da matéria Educação Física remonta à pré-história.

Outro aspecto que merece destaque reside na grande preocupação com o porte físico, presente desde a pré-história que se estende a contemporaneidade. Tal preocupação é diferente dos dias atuais, uma vez que não estava diretamente ligada a padrões de beleza e sim com intuito de proteção.

Bagnara et al (2010, p. 1) afirmam que a atividade física na pré-história

[...] era restrita a defender-se e atacar. A luta pela sobrevivência levou a movimentos naturais. Para desenvolver estudos sobre a época, os pesquisadores se baseavam em todos os tipos de objetos, como pedras trabalhadas ou rudimentares, fósseis de animais e de humanos, pinturas rupestres, monumentos e, um pouco mais tarde, objetos e monumentos de bronze e ferro, câmaras mortuárias, estradas, dentre outros.

Destarte, o que concernia à Educação Física se delimitava, nesta época, à defesa e ao ataque, traduzidos como gestos naturais para a sobrevivência do homem, ou seja, era algo do seu cotidiano.

Ao realizar uma breve retrospectiva pela História da Educação Física, percebemos que existem diversas abordagens acerca de sua origem, com focos, interesses e utilização diferentes, que mudam de acordo com os países.

A China foi um dos países pioneiros a sistematizar os gestos humanos. De acordo com Oliveira (2004), os chineses racionalizaram o movimento humano com intuito terapêutico, no qual criaram o método Kong-Fou (a arte do homem), trabalhado através de gestos respiratórios para curar enfermidades do corpo e servir à alma.

Para Bagnara et al (2010), na Índia, a Educação Física foi difundida através do método de ginástica denominado de Yoga, que consiste em exercícios ginásticos, acompanhados de massagens e de gestos respiratórios. Vale destacar que a Yoga era tida como uma doutrina a ser seguida, pois buscava a purificação do corpo. “No Japão, a Educação Física possuía fundamentos médicos, higiênicos, filosóficos, morais, religiosos e guerreiros. Os samurais são um exemplo de guerreiros feudais originados da prática da Educação Física no Japão” (BAGNARA et al, 2010, p.1).

Oliveira (2004) preconiza que, no Egito, a história da Educação Física foi extraída através dos registros nos murais e nos templos, que retratavam cenas militares, com diversas cenas de lutas e de corpos fortes e esculpidos, que permitiram aos historiadores concluir que a Educação Física trouxe uma formação voltada para os combates, uma vez que preparava os cidadãos para a guerra.

A Grécia foi considerada pelos estudiosos como o país que mais colaborou para a história da Educação Física, pois foi onde surgiu a visão de integração de corpo e mente, de modo distinto do que ocorria com os demais países, que tinham uma perspectiva voltada somente para o corpo. Bagnara et al (2010, p. 1) apontam que:

Foi na Grécia que surgiram os grandes pensadores, que contribuíram com vários conceitos, até hoje aceitos pela Educação Física e pela pedagogia. Grandes artistas, pensadores e filósofos como Mirón, Sócrates, Hipócrates, Platão e Aristóteles criaram conceitos como o de equilíbrio entre corpo e espírito ou mente, citados por Platão. Também nasceram na Grécia os termos halteres, atleta, ginástica, pentatlo, entre outros.

No Brasil, as primeiras notícias da Educação Física surgiram por volta do ano de 1500 e sua história se divide em quatro momentos: período colonial, imperial, república e contemporâneo. No período de 1500 a 1822, os índios dançavam através de um som de uma gaita tocada por um português. Gutierrez (1992) *apud* Soares (2012, p. 1) contextualiza a atividade física realizada pelos indígenas no período colonial da seguinte forma:

[...] atividades físicas realizadas pelos indígenas no período do Brasil colônia estavam relacionadas a aspectos da cultura primitiva. Tendo como características elementos de cunho natural (como brincadeiras, caça, pesca, nado e locomoção), utilitário (como o aprimoramento das atividades de caça, agrícolas, etc.), guerreiras (proteção de suas terras); recreativo e religioso (como as danças, agradecimentos aos deuses, festas, encenações, etc.).

Soares (2012) nos mostra que no período Imperial, a Educação Física no Brasil começou a se desenvolver culturalmente e tinha o intuito de melhorar a saúde e higiene da população através de doutrinas naturalistas, nacionalistas e militaristas. Este período também é marcado pelo surgimento dos primeiros tratados da Educação Física.

Ainda Gutierrez (1972) *apud* Soares (2012, p.1) aponta o primeiro tratado elaborado por Joaquim Antônio Serpa, em 1923, intitulado “Tratado de Educação Física e Moral dos Meninos”. Esse tratado postulava que a educação englobava a saúde do corpo e a cultura do espírito, considerando que os exercícios físicos deveriam ser divididos em duas categorias: 1) os que exercitavam o corpo e 2) os que exercitavam a memória.

O período Brasil República, considerando o recorte histórico compreendido entre os anos de 1890 e 1946, foi dividido em duas etapas: a primeira que se deu do início até 1930, marcada pela posse do presidente Getúlio Vargas; e a segunda, que aconteceu após a revolução de 1930.

Soares (2012, p.1) mostra que na primeira fase todos os estados começaram a realizar suas reformas educacionais, incluindo a ginástica nas escolas. A vista disso, foram criadas escolas de Educação Física, com o intuito de formação militar. A segunda fase foi marcada pela criação do Ministério da Educação e Saúde. Assim, a Educação Física passou a ser usada como instrumento de interesse políticos pelos governantes. Vale ressaltar que essa orientação era voltada para interesses higienistas e militaristas da época.

No período denominado Brasil contemporâneo, 1946 a 1980, que compreende o período pós 2ª guerra mundial e o início da Ditadura Militar, registramos a ocorrência de um rápido crescimento no âmbito educacional, em que o governo realizou um projeto que utilizava as escolas públicas e privadas como fonte do regime militar (DARIDO; RANGEL, 2005).

Soares (2012) aponta como uma das medidas que mais impactaram a Educação Física, nesse recorte histórico, foi a obrigatoriedade da Educação Física / Esportes no ensino do 3º Grau, por meio do decreto lei no 705/69. O autor justifica seu ponto de vista quando cita Castellani Filho (1998) para mencionar a intenção política do decreto consistia em beneficiar o regime militar, visando a desestabilização do movimento estudantil, uma vez que a universidade era uma instituição que demonstrava forte resistência a esse regime.

A Educação Física que temos na atualidade vem se delineando a partir da década de 1980, sendo marcada por uma grande crise de identidade, decorrente de mudanças políticas educacionais. Segundo os PCNs (BRASIL, 1997, p. 21):

[...] a Educação Física escolar, que estava voltada principalmente para a escolaridade de quinta a oitava séries do primeiro grau, passou a priorizar o segmento de primeira a quarta e também a pré-escola. O enfoque passou a ser o desenvolvimento psicomotor do aluno, tirando da escola a função de promover os esportes de alto rendimento.

Observamos que, a partir desse momento, a Educação Física começou a ter um enfoque voltado para outros aspectos do movimento humano. Com o olhar mais pedagógico, o foco passou a ser o desenvolvimento do gesto com um leque de finalidades e, ao contrário do que era explorado anteriormente, o movimento para um determinado desporto.

A partir dos anos 1990, a Educação Física começou a ser mais aceita pela sociedade e o esporte passou a ser visto como meio de melhoria na saúde. Para Soares et al (1992) *apud* Nunes (2004, p.1) a Educação Física passou a ter como objeto de estudo a Cultura Corporal ao apontar que “[...] formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismos, mímica e outros [...]”.

Vale ressaltar que, nos anos 1990, a profissão passou a ser reconhecida. De acordo com Almeida e Gutierrez (2008), em 1998, logo após os confrontos políticos, foi criado o Conselho Federal de Educação Física (CONFEF), através da Lei nº 9696/98 (BRASIL, 1998). Este conselho era uma entidade civil, sem fins lucrativos, com a sede residindo no Estado do Rio de Janeiro, que tinha como objetivo orientar, disciplinar e fiscalizar o exercício legal da profissão. Destaca-se, entre uma de suas ações, a designação do Profissional de Educação Física como o único habilitado para atuar nessa área, tendo com único pré-requisito estar regularmente registrado no Conselho Regional de Educação Física (CREF).

Depois da citada regulamentação e com o passar dos anos 1990, a Educação Física cresceu e passou a ganhar espaço. A sociedade deixou de lado a impressão que a Educação Física só servia para executar gestos sem nenhum propósito e passou a enxergar que existia uma articulação entre corpo e mente que poderia ser trabalhada através da Educação, proporcionando às crianças possibilidades formativas.

Nos dias atuais, por conta globalização e no contexto da sociedade contemporânea, registramos a exigência colocada pelo mercado de que o Professor de Educação Física esteja preparado para trabalhar com o corpo na perspectiva de adequá-lo aos padrões exigidos sociedade.

Para Caetano (2010, p.1):

A Educação Física aparece hoje com uma proliferação e diversificação de sentidos e práticas corporais, relacionados ao discurso da saúde, e mesmo que venha em conjunto com o esporte, esse pacote é fortemente orientado para o mercado. O corpo que na modernidade sólida era visto como um corpo produtivo passa nesta transição para a modernidade líquida ao corpo consumidor, flexível e passível a mudanças descartáveis propostas pelos sistemas peritos.

Vale ressaltar que existe uma parcela da sociedade que tem outra ótica da Educação Física, uma vez que espera obter com o exercício físico a promoção da saúde, com intuito de prevenções de doenças como diabetes, hipertensão, obesidade, entre outras que começam a aparecer com mais frequência na vida das pessoas, por conta da vida desregrada que levamos.

2.2 ESTUDOS E PESQUISAS NA ÁREA

A Cultura Corporal é um novo campo de investigação da área da Educação Física, que vem sendo pesquisada por vários professores, pesquisadores, com intuito de entender melhor as questões aliadas ao corpo e contribuir para o processo de formação do professor de Educação Física.

Deste modo, um dos grandes pesquisadores da área que é referência nesta dissertação, professor Marcos Neira, formado em Educação Física e Pedagogia, atualmente é professor da Universidade de São Paulo, na qual investiga a Cultura Corporal. Neira tem quatro livros publicados, intitulados: *Pedagogia da Cultura Corporal: crítica e alternativas* (NEIRA; NUNES, 2006); *Cultura Corporal: diálogos entre Educação Física e Lazer* (UVINHA; NEIRA, 2009); *Educação Física, Currículo e Cultura* (NEIRA; NUNES, 2009) e *Práticas Corporais: brincadeiras, danças, lutas, esportes e ginásticas* (NEIRA, 2014). Como organizador tem mais quatro livros: *Educação e diversidade cultural no Brasil: ensaios e práticas* (GHANEM; NEIRA, 2014); *Educação Física e Culturas: Ensaio sobre a prática*; *Educação Física Cultural: escritas sobre a prática* (NEIRA; LIMA; NUNES, 2014); *Educação Física Cultural: por uma pedagogia da (s) diferença (s)* (NEIRA; NUNES, 2016).

Visto que Marcos Neira é um grande pesquisador da Cultura Corporal, vale ressaltar que seu campo de pesquisa é voltado para área da Educação Física Escolar. Conforme Neira (2006), a relação entre a cultura e a educação oportuniza a atuação significativa e responsável diante da sociedade contemporânea, uma vez que a escola é uma instituição social onde existem ligações socioculturais que geram as desigualdades.

Destarte, Neira tem o intuito de mostrar a importância da Cultura Corporal, trazendo novas propostas e possibilidades de ensino e aprendizagem para a área escolar, com uma prática inovadora, pensando nos professores e alunos, levando em conta o contexto social, uma vez que a escola vem sofrendo com as mudanças da sociedade globalizada, na qual surge um novo contexto escolar.

Outro grande pesquisador da Cultura Corporal é o professor Mario Luiz Ferrari Nunes, formado em Educação Física e professor da Universidade Estadual de Campinas, onde participa de vários grupos de pesquisa que estudam o corpo e tem algumas publicações com o professor Marcos Neira, como destaque são os dois livros denominados: *Pedagogia da Cultura Corporal: crítica e alternativas* (NEIRA; NUNES, 2006) e *Educação Física, Currículo e Cultura* (NEIRA; NUNES, 2009).

Desse mesmo modo, outro autor que ficou consagrado como grande pesquisador da Cultura Corporal foi Jocimar Daolio, professor de Educação Física e Psicólogo, que atua no momento como professor titular da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. Tem experiência na área de Educação Física, atuando principalmente nos seguintes temas: cultura e corpo. As principais obras com a referida temática, são os quatro livros de sua autoria: *Da Cultura do Corpo* (DAOLIO, 2013); *Cultura: Educação Física e Futebol* (DAOLIO, 2014); *Educação Física e o conceito de cultura* (DAOLIO, 2004); *Futebol, Cultura e Sociedade* (DAOLIO, 2004).

Vale ressaltar que Daolio direciona a sua área de pesquisa para o contexto social. Daolio (1995, p.25) afirma que: “Não podemos imaginar um ser humano que não seja fruto da cultura e também não podemos imaginar um corpo natural”. As abordagens do autor sempre levam em conta o contexto que os sujeitos estão inseridos para em seguida fazer suas reflexões em relação ao corpo e a cultura.

Diante do exposto, vimos que, apesar de ser uma temática relativamente nova na área da Educação Física, já existem vários autores que possuem muitas publicações e orientações em viés diferentes da Cultura Corporal. Isto possibilitou nos debruçarmos em seus acervos para conhecermos melhor este assunto, que traz um leque de novos conhecimentos para área.

2.3 FORMAÇÃO DO DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA

A formação do professor de Educação Física vem passando por uma série de mudanças e evoluções, desde o surgimento da profissão, por conta dos avanços da sociedade

contemporânea e da globalização. Charlot (2013, p.46) contribui para a discussão, ao definir globalização nos seguintes termos: “[...] é a crescente integração das economias e das sociedades no mundo devido aos fluxos maiores de bens, de serviços, de capital, de tecnologia e de ideias”.

Entretanto, por conta dessas mudanças, vivemos em uma época em que se espera dos educadores, de forma geral, respostas e do professor de Educação Física, em específico, uma postura profissional que articule duas áreas do conhecimento: educação e saúde. Os alunos, os pais e a sociedade atual como um todo, tem expectativa de mais competência e compromisso do professor de Educação Física, no que se refere à capacidade de lidar com problemas da vida moderna e com as demandas no contexto sociocultural.

Deste modo, é de fundamental importância ressaltar que este professor contemporâneo deve materializar a união entre a teoria e a prática, promovendo a práxis pedagógica. Pimenta (2005) define o conceito de práxis fundamentada nas ideias de Adolfo Sánchez Vásquez, definindo-a como uma prática que se faz pela a atividade humana de transformação da natureza e da sociedade, consolidando-se, assim, em uma práxis, em uma atitude humana diante do mundo, da sociedade e do próprio homem.

Diante do exposto, podemos entender a importância da práxis na formação do professor Educação Física. Porém a profissão traz fortes marcas do tecnicismo e do militarismo desde a década de 70, expressas, ainda nos dias de hoje, pelo distanciamento entre a teoria e a prática nas aulas de Educação Física. Lima (2013) em seu artigo intitulado *Considerações sobre a formação do professor de Educação Física: desafios e perspectivas*, aponta que é perceptível este distanciamento nas aulas de Educação Física quando os alunos indagam o professor se aula é teórica ou prática e que alguns professores desconfiguram seu papel quando na prática é dada a bola para os alunos brincarem.

A partir do exposto, é possível visualizar que a formação do professor de Educação Física carrega traços do tecnicismo. Assim, nos cabe a questionar a identidade deste profissional, visto que, em algumas situações ele deixa de assumir a função de professor e passar a ser um técnico. Pimenta e Anastasiou (2002, p. 77) afirmam que a identidade profissional se constrói:

[...] pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor, confere à atividade docente no seu cotidiano, com base em seus valores, em seu modo de situar-se no mundo, em sua história de vida, em suas representações, em seus saberes, em suas angústias e anseios, no sentido que tem em sua vida o ser professor.

Hall (2006, p.13) vai de encontro ao pensamento de Pimenta e Anastasiou ao definir identidade:

É definida historicamente e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor do “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós completa, segura e coerente é uma fantasia.

A partir da contribuição dos autores supracitados percebemos que a identidade é constituída a partir dos traços históricos, das vivências de cada sujeito. No caso dos profissionais de Educação Física, identificamos a presença dos vestígios históricos do tecnicismo no período de criação da profissão que vai refletir na prática pedagógica desses profissionais, na concepção de educação, de sujeito epistêmico e de mundo dos professores. Desta forma, compreendemos que o processo formativo influencia na constituição da identidade profissional. Imbernón (2010, p.78) afirma que “[...] a formação pode ajudar a definir esse significado daquilo que se faz na prática em situações concretas e, para se alcançar novos saberes, também permite mudar a identidade e o eu de forma individual e coletiva”.

Por conseguinte, compreendemos como a formação influencia na construção da identidade dos docentes em Educação Física, onde, pode determinar se este profissional realmente vai ser um professor ou um técnico, pois existe uma grande diferença entre as duas funções.

Essa reflexão que o autor faz, apontando que o técnico adentra os alunos, é algo comum no cotidiano da Educação Física, visto que na maioria das vezes os professores passam uma atividade, da qual eles não sabem a real proposta e procuram corrigir só gestos técnicos, deixando de lado sua função de professor que perpassa as correções de gestos e se preocupa nos aspetos cognitivos, sociais e morais dos alunos que estão formando. Destacamos que este professor, ao invés de exercer a função de educador, na maioria das vezes se deixa levar pelo tecnicismo, virando um repetidor de informação.

Por consequência desta perspectiva tecnicista, o curso de Licenciatura Plena em Educação Física foi dividido em Bacharelado e Licenciatura. O Bacharelado ficou direcionado para a área mais informal, voltado para saúde, com a área de atuação em academias, clubes e com a ascensão da função de *personal trainer* e a Licenciatura ficou com a área educacional, voltada para escolas e faculdades.

Para Silva (2011, p. 79), o bacharel em Educação Física:

[...] é um profissional alinhado com seu tempo e com a realidade da sociedade brasileira, consciente de sua responsabilidade para com a sociedade, com o conhecimento técnico-científico, ético, político, cultural de sua profissão e comprometido com as transformações estruturais necessárias a nossa realidade, que vai atuar buscando promover a saúde e a qualidade de vida da população.

Silva (2011, 78) aponta que o Licenciado em Educação Física tem os mesmos direitos do bacharel, mas sua função é:

[...] de docência, supervisão, coordenação e orientação educacional, em unidades públicas e privadas de educação formal e não-formal, tematizando a Cultura Corporal de Movimento, ou seja, as diferentes manifestações e expressões culturais do movimento humano, dando ênfase à ampliação da formação cultural dos seus alunos na educação em saúde, nas atividades físico-esportivas de lazer, na formação esportiva, entre outras, que se articulem com o cotidiano da escola, da cultura e da sociedade.

Vale frisar ainda que existe um equívoco em relação a essa divisão que foi realizada no referido curso, tanto pelo profissional, causando uma crise indenitária, como para a sociedade, que não enxerga essa distinção. A consequência é a difamação da Educação Física como ciência e restrição da área de trabalho para o profissional, prejudicando os fatores socioeconômicos.

Acreditamos que a função de formador está presente tanto no bacharelado quanto na licenciatura e que deveria, ainda, existir a Licenciatura Plena, uma vez que, esse profissional de Educação Física é professor tanto na escola, na universidade, na academia, no clube, ou seja, ele vai ser um formador independente do lugar que ele esteja inserido. David (2009), afirma que os argumentos que foram usados para estabelecer essa divisão são que a Licenciatura não privilegiava a pesquisa e não atendia às demandas da sociedade contemporânea. Sendo assim, surgiu a necessidade de criar este profissional que dá prioridade à pesquisa e se volta para as novas tendências sociais.

3 CORPO E CULTURA CORPORAL

Neste capítulo apresentamos uma reflexão sobre a relação entre corpo e Cultura Corporal que perpassa pelo discurso e prática profissional do professor de Educação Física no contexto atual.

3.1 CORPO E MOVIMENTO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Os estudos sobre o corpo nos levam a conhecer suas diferentes concepções. Isso pode ser identificado na literatura produzida sobre essa temática, pois constatamos que no início das investigações sobre esta temática existiam duas versões em relação ao seu conceito, uma com a perspectiva voltada para ciências biológicas e outra voltada para ciências sociais. Gonçalves e Azevedo (2007, p. 1) contemplam esses dois vieses em relação ao conceito de corpo.

Mas essa definição puramente biologista de corpo, remanescente do final do século XVIII e início do XIX, que nasce junto com as ciências sociais, mostrou-se insuficiente, isto é limitada, para explicá-lo em toda a sua complexidade, pois tanto poderia expressar a definição de um animal qualquer ou de um ser humano. Assim, o corpo não se constituiria somente em uma coleção de órgãos arranjados segundo as leis da fisiologia e da anatomia; mas, antes, em uma estrutura simbólica, superfície de projeções, possível de unir as mais variadas formas culturais.

Para iniciar esta investigação, apresentamos o pensamento de Cavalcanti (2005, p.53) em seu artigo intitulado, *O surgimento do conceito “corpo”: implicações da modernidade e do individualismo* que, define corpo se referenciando no Magno Dicionário nos seguintes termos: “unidade orgânica ou inorgânica que ocupa lugar no espaço. Parte material do ser em oposição ao ser animu”.

Observamos que o dicionário nos traz um conceito voltado para área biológica. Entretanto, nos deparamos com o pensamento de outros autores que evidenciam em seus estudos que as concepções de corpo são afetadas pelo período histórico, variando em cada época, sofrendo influências sociais, religiosas, artísticas, culturais e científicas. Tal argumento, os levam a deduzir que as concepções de corpo são passíveis de adaptação. Milstein (2010, p. 26) parece ir ao encontro desse pensamento, ao aludir o percurso histórico trilhado na concepção de corpo,

Existe uma complexa história de concepções sobre o corpo desde a Antiguidade até os nossos dias. Um processo que mostra em cada sociedade, em cada época, os pontos de ruptura, confrontação, divergência, entre diferentes interpretações de realidade, algumas hegemônicas, outras contrárias e, às vezes, quase marginais,

enquanto manifestação das lutas para legitimar ou questionar as realidades humanas existentes.

Deste modo, percebemos que a história traz vários traços e valores para a formação do conceito de corpo, que é construído de forma subjetiva de acordo com a formação social e cultural de cada sujeito. Ainda Milsein (2010) preconiza que o corpo humano é formado pelas transformações da natureza e pelas consequências da história e da sociedade, assim como Bourdieu (1991, p.121) que aponta “Codificar socialmente as propriedades e os movimentos do corpo é, ao mesmo tempo, naturalizar as escolhas sociais mais fundamentais e constituir o corpo com suas propriedades e seus deslocamentos”. Adicione-se a isso, o pensamento de Teixeira (2001, p.14) ao defender que “saber sobre o corpo, que significa conhecer o corpo como pertinente aos conhecimentos advindos das práticas sociais”. E Daolio (2013, p.75) afirma que é através do corpo que inicia o processo de aprendizagem, “[...] aprende a se movimentar, a se conhecer, a ver o teu espaço, tudo através do seu corpo. Você enxerga o mundo através do seu corpo”.

A vista da opinião dos autores, constatamos que tanto a concepção de corpo, como sua formação, vai depender de fatores sociais e que vão influenciar no processo de corporização, uma vez que determinaram aspectos como habilidades, imagens, sentimentos, normas e regras desses corpos em formação, onde, esses corpos vão carregar consigo traços dos ambientes que estão inseridos.

Com o passar do tempo e com a chegada do capitalismo, o corpo começou a ser visto de forma diferente pela sociedade, pois deixou de ser apenas um conjunto de órgãos e passou a ser o cartão de visita das pessoas. Tal visão decorre do fato de que a sociedade traça um modelo de corpo ideal, a ser seguido por todos, fortalecendo a busca incessante por esse padrão. Desta busca nasce o estímulo para que as pessoas procurem estratégias para, através de aparatos tecnológicos, atingir o padrão de corpo, fortalecendo, assim, a sociedade do culto ao corpo.

Gonçalves e Azevedo (2007, p.1) contribuem para as discussões relacionadas ao corpo na sociedade contemporânea ao apontarem que:

[...] um dualismo contemporâneo aliado ao avanço tecnológico apresenta-se separando o homem de seu próprio corpo que é transformado em um objeto a ser moldado e modificado, conforme o gosto do dia. Desse modo, equivale-se ao homem no sentido em que, se modificando as aparências, o próprio homem é modificado, em razão das exigências nos diversos setores da vida (escola, trabalho, esporte etc.) [...].

Constatamos que autor enfatiza a divisão que existe entre o homem e o seu próprio corpo, devido à necessidade de moldá-lo através de procedimentos cirúrgicos, dietas

radicalizadas e treinamentos exagerados, deixando o quesito saúde de lado e priorizando apenas a dimensão estética para que possa se enquadrar nos diferentes padrões de corpo exigidos no seu trabalho, no seu ciclo de amigos, no esporte, na igreja, ente outros. Para Anzai (2000, p.73), “[...] a indústria cultural mantém relações diretas com a mídia que se responsabiliza em humanizar os bens materiais, erotizando produtos e transformando o corpo em objeto de consumo”. Destarte, é nítido esse movimento da indústria cultural na sociedade contemporânea, no qual são usados modelos com corpos esculturais para vender produtos prometendo resultados milagrosos e incentivando as cirurgias plásticas, visto que esses anúncios não trazem benefício algum para a saúde desses indivíduos. Tudo gira em torno de fins lucrativos.

Diante desse ciclo de idolatria do corpo, a indústria se beneficia deste movimento pois, vivemos em uma ditadura da estética corporal, na qual quem não for adepto desse padrão de beleza, tem que se sentir culpado em relação ao seu modelo de corpo. A culpa é quem move a indústria do corpo (ANZAI, 2000). Esse sentimento de culpa gerado pela sociedade acaba excluindo crianças, jovens e adultos de vários ambientes sociais, principalmente das práticas de exercícios físicos, pois quando chegamos em uma academia, logo percebemos um desfile de corpos esculturais, onde todos seguem o mesmo padrão. Ou seja, você não escolhe seu padrão de corpo, quem escolhe é a sociedade. Da mesma forma acontece na escola com as crianças acima ou abaixo do peso, que passam a sofrer *bullying* e a serem excluídas de várias atividades pelos demais colegas.

Estamos vivendo um período no qual o culto ao corpo é valorizado de forma excessiva. Conforme Nascimento e Afonso (2014, p.1), a sociedade contemporânea vive em constante busca pelo corpo canônico ao destacar:

Esses fatores podem levar a busca descontrolada ao referido corpo canônico, podendo acarretar até mesmo doenças. É possível notar isso com o crescente número de casos de bulimia e anorexia e a evolução da medicina estética, resultando em um aumento excessivo de realizações de cirurgias plásticas. Podemos citar como outros exemplos de reconstruções de corpos, os tatuadores e as tatuadoras, os e as fisiculturistas, os e as modelos. As mudanças ocorridas nesses corpos se referem a ideologias, modas ou crenças. E todos esses modelos e padrões de corpos são fortemente veiculados pelas mídias.

De acordo com a ideia dos autores, deduzimos que esse movimento de culto ao corpo é imposto pela mídia, refletindo nos âmbitos social, cultural, político e econômico que constroem um novo modelo de corpo difundindo novas tendências e concepções.

Knopp (2008, p.10) contribui para discussão ao enfatizar que “[...] o culto ao corpo pode ser interpretado como uma esfera de consumo que garantiria a determinados

indivíduos a aceitação e pertencimento a um grupo social específico, através do qual constrói sua identidade no conjunto de atividades [...]”. Vaz (2002, p.92) vai ao encontro desse pensamento, no sentido de compreender que o corpo é um dos elementos de construção de identidade. Assinala o papel dos ambientes educacionais diante das diversidades de técnicas consideradas necessárias para o assessoramento e criação / desenvolvimento de identidades corporais, sendo esse o ponto de debate sobre o papel da Educação Física nos ambientes educacionais, como também para as possíveis orientações para a formação de educadores.

Em harmonia com pensamento dos autores, percebemos no corpo um fator que deve ser levado em conta no processo de construção de identidade. Evidenciamos a observação que o autor faz em relação o papel do professor de Educação Física nesta perspectiva, visto que podemos utilizar a Cultura Corporal como ferramenta para ajudar na construção de identidade.

3.2 CULTURA E CULTURA CORPORAL NO CAMPO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Na literatura sobre cultura, nos deparamos com diferentes definições que chegam a expressar antagonismo e variações em sua conceituação, a qual pode ser percebida a partir do seu significado etimológico³ contido no dicionário: “ cultura se originou a partir de outro termo latino: *colere*, que quer dizer “cultivar as plantas” ou “ato de plantar e desenvolver atividades agrícolas”. Dessa forma, Nogueira (2008, p. 21) alude o seu caráter, “polissêmico, aberto a várias interpretações. Por isso, possibilita entendimentos diversos, às vezes paralelos, outras vezes contraditórios”. Tal perspectiva pode ser observada no processo de reconstituição histórica do conceito de cultura.

Nessa reconstrução histórica, Cuche (2002) destaca a evolução do conceito de cultura, ao destacar que no século XVI esse termo passou a assinalar a ação de cultivar, permutando o efeito pela ação. Na segunda metade do século XVI, é usado como significado do desenvolvimento de uma faculdade humana, a partir do século XVII ganha destaque no vocabulário iluminista na utilização da metáfora cultivar o espírito como cultiva-se a terra. Já no século XVIII, cultura aparece no vocabulário francês, com o sentido de civilização e no século XX cultura passa a ser vista em uma dimensão social, por sublinhar o coletivo, as características de uma comunidade.

³ Disponível em: <http://www.dicionarioetimologico.com.br/cultura/> Acesso em: 17/10/2016

À vista do contexto de mudanças e fatos históricos que implicaram na definição de cultura, Neira (2006, p.31) aponta que:

[...] percebemos que a definição do termo está atrelada à sua evolução histórica e à busca de seu significado que, na verdade, configuram lutas sociais que estruturam relações de força e concedem sentido às questões sociais que as fundamentam. A análise cultural fornece condições para explicar as lógicas simbólicas em jogo na atualidade, o que torna necessário um esforço para compreender os seus significados.

Logo, constatamos que existem vários fatores que perpassam as influências históricas em relação ao termo cultura. É visto que a genealogia deste termo está sempre voltada para o âmbito social, como o autor destaca acima e através da cultura é que a sociedade se fundamenta, pois a cultura está sempre analisando o homem.

Percebemos que, até hoje, ainda não temos um conceito bem definido pelos antropólogos e sociólogos. Em busca de uma definição mais contemporânea, encontramos uma definição no Dicionário de Conceitos Históricos, preconizada por Silva e Silva (2006, p.85) que diz:

O significado mais simples desse termo afirma que cultura abrange todas as realizações materiais e os aspectos espirituais de um povo. Ou seja, em outras palavras, cultura é tudo aquilo produzido pela humanidade, seja no plano concreto ou no plano imaterial, desde artefatos e objetos até ideais e crenças. Cultura é todo complexo de conhecimentos e toda habilidade humana empregada socialmente. Além disso, é também todo comportamento aprendido, de modo independente da questão biológica.

Laraia (2001, p. 25) vai ao encontro do pensamento encontrado no dicionário de conceitos históricos em relação ao conceito de cultura ao citar Edevand Tylor (1832 – 1917) quando aponta “Síntese – vocábulo Inglês “Culture” – sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”.

De acordo com os autores supramencionados, constatamos que a maioria dos estudiosos, ao elaborar o conceito de Cultura, levam em conta o homem e o contexto social em que ele está inserido. Deste modo, ao pensar em Cultura no âmbito da Educação Física, devemos levar em conta as questões relativas ao corpo, pois existem diferenças nos corpos dos indivíduos que são decorrentes de traços culturais. Daolio (2013) em sua obra intitulada, *Da Cultura do Corpo*, adotou o referencial da antropologia social para elaborar uma análise da prática dos docentes em Educação Física. Nesse trabalho, o autor salienta que

Ao pensar o corpo, pode-se incorrer no erro de encará-lo como puramente biológico, um patrimônio universal sobre o qual a cultura escreveria histórias diferentes. Afinal, homens de nacionalidades diferentes apresentam semelhanças físicas.

Entretanto, para além das semelhanças ou diferenças físicas, existe um significado que cada sociedade escreve nos corpos dos seus membros ao longo do tempo, significados estes que definem o que é corpo de variadas maneiras (DAOLIO, 2013, p. 34).

O pensamento de Daolio nos leva a deduzir que o corpo não pode ser visto somente na sua dimensão física, uma vez que ele faz parte do processo de subjetivação do indivíduo, permeado pelos traços culturais presentes na cultura a qual se encontra inserido. Neira (2006) parece concordar com Daolio (2013), ao destacar como a cultura constitui a personalidade de cada indivíduo e se explicita no seu corpo:

[...] Se toda a espécie humana possui a mesma estrutura biológica básica – ossos, músculos, articulações, enfim, os diversos sistemas de funcionamento do corpo humano – as diferenças que ocorrem entre as pessoas são proporcionadas pelas suas opções culturais, pelo modo como cada indivíduo ou grupo social enfrentou e resolveu historicamente seus problemas (NEIRA, 2006, p.20).

O autor ressalta a relação e influência que ocorrem a partir das opções culturais com as diferenças entre as pessoas e suas concepções e, por vezes, comportamentos. Daolio (2013) e Neira (2006) parecem defender que a Educação Física trilha o caminho da intersubjetividade, ao considerar que o aluno é um indivíduo sociabilizado que vive o mesmo tempo histórico do seu professor. O aluno é um ser que pensa, sente, age e pertence a um grupo sociocultural. Portanto, na relação professor-aluno teremos um encontro de subjetividades diferentes.

Neira (2006, p. 2010) baseado nas ideias de Betti (1992) justifica a presença da Educação Física na escola como via de introdução da cultura física ao aludir “[...] que a função pedagógica desse componente é integrar e introduzir o/a aluno/a no mundo da cultura física, formando o cidadão que vai usufruir, partilhar, produzir, reproduzir e transformar as formas culturais da atividade física (o jogo, o esporte, a dança e ginástica etc.) ”.

Depreendemos, então, que a constituição do conceito de cultura no âmbito da Educação Física expresso por Neira (2006) e Daolio (2013) vai ser crucial na prática cotidiana do professor de Educação Física e nos significados que atribui à mesma. Os professores são atores sociais que exercem sua docência em uma instituição, portanto, lançam mão de conteúdos adquiridos em seu processo formativo, apoiando-se em regras, crenças, valores, dentre outros.

Segundo Gramorelli (2014, p.52), os estudos no contexto da Cultura Corporal tiveram início na década de 1980, sendo objetos de estudo exclusivos da biologia e da psicologia do desenvolvimento. Entretanto, o movimento era visto por essas ciências numa perspectiva neutra, em que os elementos de natureza política e ideológica não interviam no

fazer pedagógico, já que os estudos do movimento corporal e esportivo eram voltados para o desenvolvimento de habilidades motoras ou para o aperfeiçoamento dos domínios do comportamento.

Neira e Nunes (2006, p. 209) trazem a definição de Cultura Corporal e ressaltam que para entendermos o conceito é preciso realizar uma reflexão genealógica:

A expressão “Cultura Corporal”, apesar de bastante disseminada no meio acadêmico, é pouco compreendida no ambiente profissional da Educação Física. Tem assumido diferentes conotações, provenientes de distintas interpretações feitas por diversos autores, muitas vezes fundamentadas em concepções diferentes e até divergentes.

Os autores, com fundamento nos princípios da pedagogia-crítica, qualificam o jogo como espaço para os alunos desenvolverem sua consciência de liberdade, no sentido de reconhecerem as tendências autoritárias de imposição de uma cultura sobre a outra. Afirmam eles:

É possível identificar em todas as manifestações corporais os gestos que expressam significados peculiares a determinada cultura e a sua época de criação, e torna-se importante ressaltar que todos esses signos, sem exceção, são válidos, ou seja, sem oposição binária entre o certo e o errado, o adequado e o inadequado à escola (NEIRA; NUNES, 2006, p.233).

Nesta obra, Neira e Nunes (2006, p.218) chamam atenção dos professores de Educação Física para a importância de utilizar a Cultura Corporal como um espaço de questionamento dessa sociedade dominadora em que estamos inseridos. Para eles, a Cultura Corporal auxilia o sujeito a buscar sua libertação e lutar pelos seus direitos, quando observam que “[...] falamos do movimento que expressa e representa uma cultura, do movimento com intenção comunicativa de ideias, sentimentos etc., que se dá no interior de uma manifestação cultural”.

As concepções de Darido e Rangel (2005) convergem com a reflexão de Neira e Nunes (2006) quando frisam que a Cultura Corporal do movimento surge com o intuito de fundamentar a intervenção pedagógica. Baseados no pensamento de Soares et al (1992) assinalam que a Cultura Corporal consiste em:

[...] conteúdos propostos historicamente para Educação Física escolar no Brasil, valorizando as diferenças regionais: os jogos, os esportes, as ginásticas, as danças, as lutas e a Capoeiras por expressão tipicamente brasileira. Assim, não só as regras, a técnica, a tática e o aprendizado desses conteúdos são o foco dos estudos, mas o contexto em que acontece sua prática (DARIDO; RANGEL, 2005, p.28).

Assim, as regras têm um papel importante na condução das atividades esportivas de modo geral, mas o contexto em que está inserida a prática, certamente, contribuirá para o desenvolvimento das ações.

Neira (2008), em seu artigo intitulado *A Educação Física em Contextos Multiculturais: concepções docentes acerca da própria prática pedagógica*, enfatiza a importância de os professores levarem em conta, na elaboração do currículo escrito e vivido, a Cultura Corporal, no sentido de valorizar sua cultura e ter consciência da sua concepção de corpo. O autor traduz seu pensamento nos seguintes termos: ao brincar, fazer mímicas e dançar (NEIRA, 2008). Nesses movimentos, as crianças se apropriam e reconstruem o repertório da Cultura Corporal na qual estão inseridas.

Deste modo, o termo Cultura Corporal vem sendo explorado pelos professores de Educação Física há pouco tempo e o referido tema está ligado a atividades que expressam gestos com o corpo, como: jogos, danças, lutas e esportes entre outros.

Soares et al (1992, p.61) justificam a Cultura Corporal como uma área de conhecimento da Educação Física que está inserida pedagogicamente na escola, na qual se configuram temas ou atividades particularmente corporais através dos jogos, ginástica, esporte e dança, com o intuito de desenvolver a expressão corporal como linguagem.

O termo Cultura Corporal trouxe um novo contexto social e histórico para a Educação Física, em relação aos estudos do corpo. Gramorelli (2014), citando Bracht (2011), justifica que o termo Cultura Corporal foi necessário para Educação Física mudar o cenário social e histórico referente ao corpo, superando a redução biologicista e naturalizada de corpo.

3.3 CULTURA CORPORAL E PRÁTICA DOCENTE

Compreender a Cultura Corporal e a formação nos leva a lançar um olhar para o entendimento do cenário de atuação profissional dos professores através de sua prática docente, do seu modo de agir e das suas necessidades. A busca de compreensão desse cenário nos motiva a investigar *vis a vis* as formas como vem ocorrendo a formação dos professores, assim como a performance de sua profissionalidade, considerando a afirmativa de Veiga (2007, p. 85) de que “[...] os problemas que atingem a formação de professores extrapolam o âmbito da sala de aula. Eles têm a ver com questões macroestruturais políticas e sociais e com a valorização do profissional do magistério”.

As situações-problema levantadas por Veiga (2007) não são raras na história da formação de professores, principalmente no que concerne à formação docente para atuar na educação superior, uma vez que essa é praticamente inexistente. Ainda em relação a esses questionamentos, Veiga (2007, pp. 85-86) sugere de forma tácita que:

Para resolver essa problemática, é preciso sair do discurso e, como professores conscientes dessa realidade, enfrentar o desafio de fazer da formação docente uma formação profissional baseada em projetos pedagógicos institucionais elaborados coletivamente, para que se possa ir, aos poucos, construindo novas perspectivas de formação. Portanto, o instrumento de luta desse desafio, por contradição, é uma exigência da legislação: a construção coletiva do projeto pedagógico institucional. Um projeto coletivo institucional e participativo tem muito mais possibilidades de produzir inovações do que as ações individuais.

A autora destaca a importância de considerar as questões macroestruturais políticas e sociais na formação de professor, dentre outros aspectos, coloca em evidência a necessidade de estudar a formação docente num contexto histórico.

Nesse mesmo sentido, Cunha (1996) destaca que o conceito de bom professor é valorativo, por se encontrar situado em um determinado tempo histórico e, também, ideológico, ao traduzir uma ideia que sociedade possui sobre o professor. Para a autora, o bom professor é aquele que estabelece um vínculo amistoso com os alunos e com a sua área de conhecimento. Ele procura empregar uma metodologia que facilite a aprendizagem dos alunos e busca formas dialógicas de interação e exemplifica: relacionar algumas características encontradas nos depoimentos dos alunos; tornar as aulas atraentes; estimular a participação dos alunos; fazer expressar-se de forma que todos entendam; induzir à crítica, à curiosidade e à pesquisa; procurar formas inovadoras de desenvolver a aula entre outros aspectos.

Diante do exposto, fica explicitada a importância da possibilidade da criação e implementação de propostas curriculares que visem instrumentalizar os professores para criar condições para efetivação da concepção de Educação Física que busca o desenvolvimento integral do discente, rompendo com a dicotomia entre corpo e mente.

3.4 O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA ENTRE A MERCANTILIZAÇÃO DO CORPO E A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO

O professor de Educação Física da sociedade atual vive diante de um novo cenário que é decorrente da globalização. Esse novo panorama causou grandes mudanças econômicas e sociais na vida das pessoas, onde as distâncias foram encurtadas por conta das novas

tecnologias de comunicação, as notícias chegam em tempo real, favorecendo novas relações culturais e econômicas. Tais mudanças acarretam diferentes modos de pensar e agir.

Diante dessas mudanças surge uma lacuna na área de atuação do profissional de Educação Física, que consiste na ambiguidade situacional que está entre a precarização do trabalho e a mercantilização do corpo, trazendo uma série de transtornos para este profissional. A ideia do corpo sarado, malhado, escultural nem sempre se sintoniza com as condições de salário, trabalho, tempo livre e alimentação do profissional de Educação Física.

Por conta da globalização, nada foge do controle das mídias e do mercado, a cada dia que passa mais forte é a ação do capitalismo, no qual estão mercantilizando tudo, até mesmo os corpos. Para Santos e Medeiros (2011), a maneira de mercantilizar os corpos se dá em três formas diferentes: primeiramente, através da relação do corpo com a sociedade contemporânea; segundo, com a ligação do corpo com a mídia e por último com a ligação do corpo com o capital.

Observamos que a sociedade criou um padrão escultural de corpo, que deve ser seguido como uma doutrina. A mídia apoia esse modelo, se aproveita deste movimento para se promover, oferecendo remédios, cosméticos, cirurgias, suplementos, roupas, entre outros, fortalecendo cada vez mais o movimento capitalista. Ainda Santos e Medeiros (2011, p.111) contribuem para a discussão ao apontar que:

Os corpos contemporâneos não escapam desse processo mercadológico. O corpo também entrou nessa dinâmica do mercado vendável e do consumível. Vendem-se produtos para o corpo. Vendem-se os recursos e os serviços para remodelar cada centímetro do corpo. Quanto maior a abertura econômica, maior é a formatação, a promoção e o desfile de corpos. Mais veloz se torna sua circulação e maior se torna o comércio de remodelação por meio de correções cirúrgicas plásticas.

A mercantilização do corpo e a venda de produtos e intervenções interferem na vida e na profissão do professor de Educação Física, na forma de rápidos modismos que levam este profissional a estar diante das instabilidades dos modismos e dos produtos. Isto leva a estes profissionais a buscarem constantes reciclagens e treinamentos que os obrigam a um grande número de atualizações, obtidas com altos custos e rapidamente substituídas por outras, nessa dinâmica de modismos.

Pelegrini (2004, p.1) contribui com a mesma linha de pensamento de Santos e Medeiros (2011), ao afirmar que:

No final do século XX e início do século XXI, a superexposição de modelos corporais nos meios de comunicação contribuiu, fundamentalmente, para a divulgação de uma ótica corpórea estereotipada e determinada pelas relações de mercado. A mídia contemporânea vincula somente corpos que se encaixam em um padrão estético “aceitável”, mediado pelos interesses da indústria de consumo.

Modelos corporais são evidenciados como indicativo de beleza, em todos os formatos de mídia, num jogo de sedução e imagens. Trata-se de vincular à representação da beleza estética ideal de saúde, magreza e “atitude”. Configurando-se como objeto de desejo um corpo bonito, jovem, “malhado”, com ideias de vencedor e rodeado de consumo. Esse conjunto de fatores acabou por criar no imaginário social uma associação entre “corpo ideal” e sucesso.

Diante da citação do autor, indagamos até que ponto o professor de Educação Física, diante da proletarização do magistério, tem condições de acompanhar tais exigências de padrão estético?

Deste modo, é visto que o corpo virou um mero objeto que pode ser comercializado de diferentes formas e contextos, em que esse corpo é idealizado pelo mercado e o mercado impõe que a sociedade aceite esse modelo de corpo perfeito, oferecendo todo um suporte para chegar até o mesmo, para que esse corpo entre em destaque no mercado. Esses movimentos mercadológicos geram vários problemas psicossociais, ocasionando comportamentos compulsivos. O profissional de Educação Física que precisa estar atualizado com a ideologia do corpo ‘sarado’ é consultado constantemente sobre medicamentos, intervenções, produtos comestíveis e cosméticos, quando as academias e outros locais de emprego não oferecem condições para tanto.

Conforme Bauman (2001), a atitude de ter um corpo saudável não representa renúncia e abstinência, mas ao consumo de alimentos especiais, ‘saudáveis’ que o próprio comércio oferece. O autor explica que na sociedade de hoje, o sinônimo de ter um corpo “saudável” significa consumir o que o comércio e as mídias impõem através de alimentos manipulados, suplementos alimentares, cosméticos, entre outros, passando uma imagem milagrosa desses alimentos especiais, e ainda impondo o consumo desses produtos, excluindo a opção de não consumir.

Santos (2012, p.66), em seu artigo intitulado *Publicidade e mercantilização do corpo na contemporaneidade*, traz uma reflexão a respeito do consumo ao preconizar que:

Viver parece que se tornou tão somente consumir. As pessoas acreditam cada vez mais que são definidas por aquilo que consomem. Buscam construir sua identidade, suas relações sociais e dar sentido à vida através dessa prática consumista.

Baumam (2001, p.67) se harmoniza ao pensamento de Santos (2012) em relação ao consumismo, ao apontar: “O consumismo de hoje, porém, não diz mais respeito à satisfação das necessidades - nem mesmo as mais sublimes, distantes (alguns diriam, não muito corretamente, ‘artificiais’, ‘inventadas’ ‘derivativas’)”.

Destarte, fica claro que o consumismo faz parte da nova sociedade, como se ninguém pudesse mais viver sem consumir de forma desenfreada, uma vez que todos têm que

usar a marca prevalecente, que acaba por dizer quem você é, se você é bem-sucedido socialmente ou não. É uma sociedade do “ter” e não do “ser” que mesmo sendo mostrada pelos autores citados se distancia da essência da questão.

Neste ideário, o professor de Educação Física tem que acompanhar essa ditadura de ter o corpo perfeito, visto que este profissional tem que ter o corpo dentro desses padrões impostos por esse grupo social. Tem que se alimentar bem para obter este corpo escultural, ou seja, tem que viver de dieta e treinar como se fosse um atleta que se prepara para uma competição, usar roupas, relógios, suplementos e equipamentos eletrônicos da moda. Além do mais, estes profissionais são vistos como máquinas, que não podem comer sanduíche, pizza, tomar um refrigerante ou uma cerveja, pois os alunos podem julgá-los como maus profissionais por não seguirem os padrões impostos.

Assim, encontra-se um espaço de oportunidades de reflexão crítica sobre os fenômenos sociais da atualidade que afetam a vida e o trabalho dos profissionais de Educação Física. Sem condições financeiras suficientes para se manterem com a dignidade necessária para essa convivência com as pessoas que frequentam as academias e escolas particulares, tais profissionais ficam sujeitos a substituições por outros mais jovens e que atendam ao biofísico exigido.

Rosa e Assis (2013), em pesquisa realizada sobre o corpo ideal para o professor de Educação Física, que contou com amostra constituída por indivíduos de ambos os sexos frequentadores de duas academias da Zona Norte do Rio de Janeiro, teve como resultado certa tolerância quanto ao envelhecimento. Na mesma pesquisa chamou atenção o preconceito dos sujeitos com o professor que apresenta sobrepeso, com relatos de que não acreditam em profissional “gordo”. Desta forma fica claro que a sociedade espera que o professor de Educação Física seja um espelho para seus alunos. Fato pelo qual cria uma imagem distorcida deste profissional, omitindo o lado humano da profissão e lidando com ele como se fosse uma máquina.

Neste sentido, acreditamos que o professor de Educação Física terá que se capacitar para lidar com esta nova perspectiva. Nesse sentido Ludorf (2009, p.1) diz:

É fundamental que o professor de Educação Física esteja preparado para lidar criticamente com as novas demandas corporais, ou antes, que reflita sobre o impacto das mesmas no processo de sua formação. O papel do profissional/professor de Educação Física não se restringe a: organizar e fundamentar os conteúdos das práticas corporais; criar e desenvolver estratégias de ensino e ministrar aulas, muito menos, ensinar técnicas específicas ou de controle de peso - mas, acima de tudo, educar.

O autor enfatiza que este professor precisa encarar as críticas dos alunos contemporâneos e assumir seu papel de educador, mostrando sua maneira de pensar, como atuar e resolver as adversidades presentes em seu contexto de trabalho. Isto vai além do seu próprio corpo, ou até mesmo de esculpir corpos, uma vez que para ele esculpir esse corpo ele não precisa ter um corpo neste padrão, apenas precisa ter conhecimento científico sobre determinado assunto. Entretanto, o professor tem que estar munido de argumentos fortes e convincentes para quando se deparar com estas situações saber esclarecer este contexto.

Essa conjuntura da mercantilização do corpo reflete na profissão e no corpo do professor de Educação Física. Observamos que se este profissional não estiver com o porte físico em dia, ele se encontrará fora do mercado e outro fator levado em conta é a cobrança por resultados imediatos independente de saúde. Então, estes indivíduos preferem fazer uma cirurgia plástica, usar anabolizantes e usar cosméticos do que esperar pelos processos de mudanças no seu corpo que precisa de mais tempo. Desta forma, o professor de Educação Física perde espaço no mercado, pois a sociedade atual é a sociedade do imediatismo que só contribui para o aumento da precarização do trabalho.

3.5 O TRABALHO NA PERSPECTIVA DO CAPITAL

Conforme Marx e Engels (2005, p. 44), o trabalho é fundamental na vida do homem, pois é através do trabalho que o homem se distingue dos animais.

Pode-se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião ou por tudo que se queira. No entanto, eles próprios começam a se distinguir dos animais logo que começam a produzir seus meios de existência, e esse salto é condicionado por sua constituição corporal. Ao produzirem seus meios de existência os homens produzem, indiretamente, sua própria vida material.

Para os autores, o homem se distingue dos animais pela construção dos seus meios de produzir a vida material, ou seja, o seu trabalho. Engels (1999, p.4) evidencia que o trabalho “[...] é a condição básica e fundamental de toda a vida humana. E em tal grau que até, certo ponto, podemos afirmar que o trabalho criou próprio homem”.

Sendo assim, é visto que o trabalho traz grandes contribuições para o desenvolvimento da subjetividade do homem, uma vez que o trabalho é meio de sobrevivência deste ser, em uma perspectiva material. Vale ressaltar que o homem só se torna humano através do trabalho e no mundo moderno em que o capital sistematiza a sociedade, o trabalho tem uma característica produtivista. Antunes (2013, p. 21) contribui para o debate ao

certificar que “o sistema de metabolismo social do capital nasceu como resultado da divisão social que operou a subordinação estrutural do trabalho ao capital”.

Marx (2001, p. 578) em seu renomado livro intitulado *O Capital* evidencia o trabalho produtivo na perspectiva capitalista como:

O trabalhador não produz para si, mas para o capital. Por isso, não é mais suficiente que ele apenas produza. Ele tem de produzir mais-valia. Só é produtivo o trabalhador que produz mais-valia para o capital, servindo assim à auto-expansão do capital. Utilizando um exemplo fora da esfera da produção material: um mestre-escola é um trabalhador produtivo quando trabalha não só para desenvolver a mente das crianças, mas também para enriquecer o dono da escola. Que esse invista seu capital numa fábrica de ensinar, em vez de numa de fazer salsicha, em nada modifica a situação. O conceito de trabalho produtivo não compreende apenas uma relação entre atividade e efeito útil, entre trabalhador e produto do trabalho, mas também uma relação de produção especificamente social, de origem histórica, que faz do trabalhador o instrumento direto de criar mais-valia. Ser trabalhador produtivo não é nenhuma felicidade, mas azar.

De acordo com a reflexão do autor, percebemos que o trabalho produtivo não favorece a classe trabalhadora, só favorece o dono do capital, visto que os trabalhadores são cobrados para produzir de forma desumana para trazer benefícios individualistas. A visto disso, constatamos que na ótica do capitalismo não há privilégio algum em ser produtivo, pelo contrário, passou a ser sinônimo de sobrecarga de trabalho, pois para produzir mais, tem que dobrar o trabalho afetando sua qualidade. Este produtivismo do capital acaba ocasionando outra circunstância que é a precarização do trabalho.

A precarização do trabalho se dá por conta dessas mudanças sociais, devido à crise do Capital, que causa um grande impacto no sistema econômico em que tudo gira em torno de fins lucrativos, causando desigualdades sociais. Alves (2009, p.115) corresponde a este pensamento ao ressaltar que “a precarização é um processo social de conteúdo histórico-político concreto, de natureza complexa, desigual e combinada, que atinge o mundo do trabalho”. As considerações do autor nos levam a refletir sobre os conflitos ocorridos no mundo do trabalho bem como os diferentes interesses que se cruzam nesse espaço. Assim, a precarização do trabalho passa pelo desmonte dos direitos dos trabalhadores nas demais manobras da lógica espiritual. Nessa luta, acontecem as medidas que prejudicam os trabalhadores e seus respectivos direitos. Por interesses políticos são aumentadas as medidas que prejudicam os trabalhadores, assim como as desigualdades, escravizando o homem.

O capitalismo dita como o trabalho deve se impor perante a sociedade globalizada que só visa o retorno em curto intervalo de tempo, deixando de lado as condições de trabalho e de qualidade de vida. “[...] paralelamente à globalização produtiva, a lógica do sistema produtor de mercadorias vem convertendo a concorrência e a busca da produtividade num

processo destrutivo que tem gerado uma imensa sociedade dos excluídos e dos precarizados [...]” (ANTUNES, 2001, p.36).

Esse movimento do capitalismo acaba causando uma grande exclusão de trabalhadores, uma vez que como o objetivo é produzir mais em curto intervalo de tempo, esse trabalhador se não atingir um perfil de produção desejado, passa a ser substituído por máquinas que conseguem trabalhar sem pausas e produzir dez vezes mais do que o homem. Este fato desumano acaba fazendo com que estes sujeitos se submetam a situações precárias de trabalho.

Essa conjuntura da precarização do trabalho se faz presente na Educação Física, visto que a globalização criou uma sociedade do imediatismo, na qual as pessoas querem alcançar resultados o mais rápido possível, priorizando cirurgias plásticas e fortalecendo a indústrias dos cosméticos. Por conta dessa circunstância, o mercado para atuação do profissional em Educação Física fica precarizado, pois, em alguns momentos, este profissional tem que se submeter a certos valores que não condizem com seu serviço.

Lima e Nascimento (2015, p. 28) nos mostram a importância do Estágio Supervisionado ao indicar que o mesmo: “[...] cumpre um papel importante na formação inicial docente, pois, é o momento de imersão do discente no ambiente escolar, este terá a possibilidade de confrontar a teoria e as metodologias abordadas ao longo da graduação [...]”. Isto posto, percebemos que as autoras citadas ressaltam a importância do Estágio não como espaço de experiência, para tirar o trabalho dos profissionais, mas para que o futuro professor possa vivenciar seu espaço de trabalho de uma forma orientada. Este fato não acontece na Educação Física, visto que esse estudante no terceiro semestre ainda não tem passado pela disciplina de Estágio Supervisionado.

Reiteramos, então, que a formação do professor de Educação Física acontece entre esses dois vieses, que é a mercantilização do corpo, na qual esse corpo sofre com as mudanças da sociedade contemporânea que refletem na profissão do professor de Educação Física, que inserem o mesmo em outros contextos que precarizam o trabalho desse profissional.

4 CULTURA CORPORAL E ESTRUTURA CURRICULAR NO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

Lembrando que esta pesquisa tem como objetivo investigar a Cultura Corporal e as práticas presentes nos currículos dos cursos de Licenciatura em Educação Física, consideramos que se faz necessário entender o hiato referente à prática docente no referido curso, no que diz respeito à existência de uma dicotomia entre corpo e mente e suas implicações no currículo de formação professor.

Para atingir tal objetivo dialogamos com Daolio (2013), Neira (2006) e Silva (2000), no que concerne à Cultura Corporal presente no currículo de formação do educador físico e na sua prática.

4.1 ESTRUTURA CURRICULAR: ASPECTOS CONCEITUAIS

A compreensão da Cultura Corporal presente no currículo do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Ceará, *locus* de estudo da presente pesquisa, nos levou ao estudo dos referenciais teóricos relativos às teorias crítica e pós-crítica do currículo. A apropriação desse referencial nos permitiu uma associação da concepção de currículo como uma política cultural produzida socialmente, gerando significados e relações de poder.

O estudo do currículo nos possibilitou perceber que não há uma compreensão clara por parte do corpo docente e discente do que vem a ser currículo. Isso se deve, em parte, às concepções apresentarem variações de acordo com o momento histórico, as vivências curriculares de seus mentores e as influências teóricas mais veiculadas no momento da elaboração da proposta curricular do curso. Diante disso, optamos por iniciar com a contribuição de Silva (2000, p.155) que define o currículo como “discurso, documento e identidade” e reafirma que ele é um “documento de identidade”.

A definição de currículo como identidade parte de questionamentos acerca dos conhecimentos disponibilizado para o aluno, no sentido de definir qual a pessoa desejável para aquela sociedade, e por via de consequência a Cultura Corporal segue a mesma tônica. Por esse motivo, Silva (2000), ao refletir sobre os tipos específicos de sujeito em sua teoria curricular indaga “o que deve ser ensinado?”. Indaga, ainda, “o que é que eles ou elas devem ser?”. Para o autor, as teorias curriculares tradicionais encontram-se mais voltadas para as questões técnicas, de organização, enfatizando “o quê” e “como”, enquanto as teorias críticas

e pós-críticas estão preocupadas com o “porquê”, colocando em cena reflexões sobre os conhecimentos e sua validade e, ainda, como estes podem repercutir na vida das pessoas, em sua prática pedagógica.

No intuito de entender o currículo como documento de identidade, Silva (1999, p. 15) aponta que: “[...] o conhecimento que constitui o currículo está inextricavelmente, centralmente, vitalmente, envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos: na nossa identidade, na nossa subjetividade”.

De acordo com Sacristán (2000), o currículo é visto como práxis que facilita as conexões que influenciam a vida de determinadas instituições que estão interligadas nas dimensões do âmbito social, cultural, político e histórico, através do intermédio dos participantes desse contexto. Entretanto, é possível perceber que o conceito de currículo apresentado por Sacristán (2000) vai ao encontro do conceito apresentado por Silva (1999), uma vez que a formação da identidade de um sujeito abrange todas essas dimensões, quando o currículo é compreendido como práxis.

Os conceitos de currículo mudam no decorrer das décadas e de acordo com a trajetória histórica, sofrem grandes alterações e reestruturações. Os impactos da globalização e do capitalismo acabam, dessa maneira, trazendo grandes mudanças no cenário da educação e principalmente da profissão docente.

Therrien (2005, p. 1) apresenta as interferências da complexidade dos tempos atuais sobre a educação, ao afirmar que:

A compreensão da complexidade do mundo contemporâneo passa por uma lógica que deve incluir os olhares diferenciados dos atores da vida cotidiana os quais são alimentados por saberes múltiplos e diferenciados expressão da fragmentação e dos limites das partes que compõem a totalidade que dá sentido à vida no mundo.

O autor mostra a dificuldade enfrentada pelos professores para enxergar as interfaces da sociedade contemporânea, destacando que a área da educação tem que ter um olhar voltado para emancipação do sujeito na sua coletividade de vida.

Lima (2001, p. 28) elenca três pontos que afetam a vida profissional do professor:

- a) O trabalho – com a modificação do próprio papel social da escola, o que vem a se constituir uma fonte de insatisfação docente;
- b) O tempo – o controle do tempo do professor em benefício da burocracia. A exiguidade do tempo, tanto para as atividades de prática como para as de reflexão em grupo, tem promovido o professor tarefeiro e a praticidade;
- c) O desenvolvimento de posturas de individualismo e competição propiciando um tipo coletivo de forma artificial.

A autora destaca elementos que chegam a provocar insatisfação e desestímulo por parte dos profissionais da educação. As posturas de competição e de individualismo que esmagam o coletivo institucional são afetadas pela falta de tempo e o controle do mesmo.

Essas mudanças que a globalização insere na sociedade contemporânea refletem no currículo, visto que engloba uma série de fatores sociais, culturais e políticos que refletem no contexto da Cultura Corporal, já que a mesma contempla o currículo do Curso de Educação Física.

O currículo pode ser visto, portanto, como formador de identidade, como citamos anteriormente, como campo de contradição e como campo de conhecimento.

No que consiste como campo de contradição, as reflexões de Goodson (2011) evidenciam que o mesmo se estabelece através estratégias, interesses e relações de domínio pelo fato de produzir e reproduzir relações sociais. O autor nos mostra que há uma grande influência político-social, a partir da qual o conhecimento acaba por se situar no meio de um confronto que permite identificar as contradições geradas pelas relações de poder. Tal fato acaba não sendo levado a sério pela instituição e pelos membros que compõem o meio acadêmico, assim como ocorre no contexto social. Diante deste cenário, o currículo passa a ser repensado, muitas vezes, sem levar em conta os interesses tanto da instituição de ensino como dos alunos para quem é proposto o referido currículo.

Acerca da visão do currículo como campo do conhecimento, Arroyo (2011, p. 37) aponta:

O campo do conhecimento sempre foi tenso, dinâmico, aberto à dúvida, à revisão e superação de concepções e teorias contestadas por novos conhecimentos. Os currículos escolares mantêm conhecimentos superados, fora da validade e resistem à incorporação de indagações e conhecimentos vivos, que vêm da dinâmica social e da própria dinâmica do conhecimento.

Deste modo, a reflexão do autor nos remete ao nosso objeto de pesquisa, a partir do qual questionamos como está presente a Cultura Corporal nos currículos do Curso de Educação Física. Nós, como professores de Educação Física, precisamos lidar com a Cultura Corporal. Se conservamos um conceito fora da validade, sem levar em conta as dinâmicas sociais e do conhecimento, sem ter um currículo flexível, organizado, com novas teorias, não poderemos trabalhar em uma nova perspectiva.

Perante o exposto, constatamos que os currículos apresentam ideologias diferentes que precisam ser evidenciadas, discutindo as práticas pedagógicas de acordo com os momentos históricos da sua formulação. Dessa forma, podemos formar um currículo de características críticas e emancipatórias fundamentado em práticas democráticas.

O Projeto Pedagógico do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Ceará (UFC, 2012), eleito como *locus* da referida pesquisa, apresenta um currículo no qual o cumprimento dos componentes curriculares tem duração de seis anos letivos, totalizando 200 créditos. Atende aos princípios de autonomia, flexibilidade e democratização esperado para um bom Projeto Político Pedagógico quando anuncia no seu texto que pretende assumir “uma perspectiva centrada na formação pela práxis com ênfase na aquisição de competências e habilidades profissionais, recomendando assim a substituição da antiga configuração baseada na aquisição de saberes acadêmicos e disciplinares.”

No referido documento (2012, p. 23) os docentes e discentes do curso expressam a concepção de Educação Física, a qual se consolida num processo de

[...] redimensionamento e ressignificação, plural, multidimensional, multirreferenciada, interparadigmática, interdisciplinar e crítica. Esta proposta reconhece a Educação Física como um projeto de educação que envolve o movimento e a corporeidade de modo integrado e interligado com a formação integral do ser.

Tal afirmação deixa transparecer que a concepção de Educação Física foi reconceptualizada, assumindo concepção e práticas mais pertinentes aos contextos e tempos onde se desenvolveram.

No que concerne ao processo de ensino-aprendizagem o documento revela que aluno deve se envolver de forma mais ativa e direta nesse processo através da participação das atividades propostas em disciplinas, pesquisa, experimentações, levantamento de problemáticas, dentre outros.

A organização curricular distribui as disciplinas nas diversas áreas de conhecimento ao longo do curso, visando articulação dos conhecimentos teóricos com a prática profissional, mediada, sobretudo, pelas vivências e experiências formativas, bem como através de outras formas de ação, tendo em conta a especificidade do curso de formação de Professores de Educação Física.

A integralização curricular contempla a formação básica das seguintes áreas:

- 1) Conhecimento do ser humano e da sociedade;
- 2) Conhecimento científico e tecnológico e
- 3) Conhecimento do corpo humano e da saúde.

Quanto à formação específica, a integralização é desenvolvida de acordo com as seguintes áreas:

- 1) Conhecimento didático-pedagógico; e

2) Conhecimento da cultura específica da Educação Física.

Ainda com vistas a esta integralização, o discente deverá desenvolver 400 horas de estágio supervisionado, bem como 400 horas de prática como componente curricular e 200 horas de atividade complementar.

Vale ressaltar, ainda, que o currículo contempla, em alguns momentos, o contexto do corpo e da cultura, mas na prática nos deparamos com vários professores de Educação Física que apresentam dificuldades em lidar com seu próprio corpo, por não conhecê-lo e não saber se expressar através do mesmo. O corpo, assim como o currículo, é sua identidade, o mesmo traz vários sinais dos traços de sua personalidade, modo de viver, do que se gosta.

4.2 O CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFC

Em virtude do objeto de pesquisa consistir no estudo da Cultura Corporal presente no currículo de formação do professor de Educação Física, consideramos pertinente abordar o histórico do curso de Licenciatura em Educação Física da UFC, *locus* da pesquisa.

Segundo o Projeto Político Pedagógico do Curso de Educação Física da UFC (2012), sua criação ocorreu após uma reunião e longos debates de professores da área, principalmente por professores da Coordenadoria de Esporte e Lazer com o suporte da Faculdade de Educação (FACED)⁴ - unidade acadêmica da UFC. O projeto de elaboração do curso teve a coordenação da professora Maria Estrela Araújo Fernandes, especialista na área de currículo e formação de professores (UFC, 2012).

Ainda no Projeto Político Pedagógico do Curso (2012), é relatado que a primeira turma teve início em 1993. O processo de implantação do curso durou em média cinco anos, desde a aprovação do Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão e do Conselho Universitário, em 1992. Depois de 10 anos de existência do curso, no dia 22 de março de 2002, através da Portaria 824, junto ao MEC, o curso foi reconhecido.

Tendo em vista que o processo de reconhecimento pelo MEC do curso demorou em torno de dez anos, suscitou certa descrença por parte da sociedade pelo novo curso.

Conforme o Projeto Político Pedagógico do Curso (2012), no dia 17 de dezembro de 2012 surgia uma nova etapa da história do curso, com a criação do Instituto de Educação Física e Esportes (IEFES). No início das atividades do curso, de 1993 a 2009, seu

⁴ Local de funcionamento do curso até o ano de 2009.

funcionamento ocorreu na FAGED – UFC. Após discussões e estudos sobre a necessidade de uma infraestrutura mais apropriada ao funcionamento do Curso, o colegiado decidiu pela mudança para o Campus do Pici. O citado campus tinha condições de oferecer uma estrutura física mais apropriada ao desenvolvimento das aulas práticas e teóricas, bem como perspectiva da expansão do referido curso, uma vez que o Instituto tinha como objetivo construir um polo que pudesse agregar vários pesquisadores em torno de interesses comuns, com produção na área da cultura corporal, atividade física, saúde e o esporte (UFC, 2012).

Após percorrermos a história da Educação Física, passando por diferentes épocas e diversos países, acompanhando desde o surgimento da Educação Física até os dias de hoje, perpassando também pelo histórico do curso da UFC, escolhemos alguns autores que nos definem o que é Educação Física.

Conforme Selbach (2010, pp. 36-37), a Educação Física está ligada à questão da humanização do homem, a valorização das diferenças e das manifestações culturais.

Instrumento de apropriação pessoal na medida em que leva os alunos a conhecer, valorizar, apreciar e desfrutar diferentes manifestações de Cultura Corporal, reconhecendo e valorizando diferenças no desempenho, linguagem e expressividade e, desta forma, ampliando a visão pluralista sobre o que distingue a espécie humana de outras espécies animais.

As palavras do autor fogem das questões das atividades competitivas de ganhadores e perdedores, abrangendo a compreensão de que a linguagem corporal precisa ser valorizada sem as exigências mercadológicas da sociedade mercantil. Oliveira (2004, p. 46) acrescenta como argumento em relação à definição de Educação Física, a questão da Educação no sentido das pessoas se integrarem através da reflexão e da pesquisa.

Educação Física é Educação. Deve ser incluída, por tanto, nos Centros de Ciências Humanas e Sociais das Universidades a que pertence. É uma ciência que deve conhecer as divisas entre o adestramento e a educação. É a ciência que lida com pessoas, e não com objetos. A formal inserção nos citados Centros, porém não transformará os alunos de Educação Física em futuros Educadores. Essa mudança tem de refletir uma tomada de consciência. A reflexão emanada das disciplinas de inspiração humanista orientara a procura de uma adequada postura pedagógica.

Tal pensamento nos leva a pensar sobre a importância de aprofundar o conhecimento sobre a constituição a Educação Física como campo de conhecimento. Sem esquecer de levar em conta a importância de aprimorar o projeto de formação dos profissionais dessa área.

4.3 O CURRÍCULO DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFC EM RELAÇÃO A CULTURA CORPORAL

O currículo do Curso de Educação Física da UFC foi analisado a partir dos documentos produzidos ao longo do processo de construção do referido curso. A análise do ementário das disciplinas que integram o primeiro momento do curso - Fundamentos Filosóficos da Educação Física, Fundamentos Socioantropológicos da Educação Física e Estudos Sócio Históricos e Culturais da Educação - trata do estudo relativo às problemáticas referentes à ideologia, relação ideologia-sociedade, enfocando, sobretudo, o contexto educacional, com o objetivo de levar o aluno a refletir sobre sua realidade. É possível perceber uma preocupação com os aspectos sociais, a partir dos quais a concepção de sujeito encontra-se voltada para um ser humano histórico-social.

As disciplinas, Formação Rítmica em Educação Física, Artes Marciais e Capoeira, Dança, Cultura Lúdica e Teoria do Jogo, Educação Física e Multiculturalismo e Ginástica Escolar são responsáveis por propiciar aos alunos contato com teorias e práticas pedagógicas com as áreas específicas.

O currículo desenvolvido no Curso de Licenciatura em Educação Física da UFC, ao longo do seu desenvolvimento, foi sendo reconceituado, assumindo concepções e práticas pedagógicas adequadas ao seu contexto.

Diante do exposto, podemos perceber que os conteúdos ministrados no curso apresentam um conjunto de concepções, normas, valores, atitudes e comportamentos referentes ao corpo que se manifestam no processo formativo dos alunos. De acordo com Neira (2006), os conhecimentos dos alunos devem ser transformados em objeto de análise e investigação pedagógica. Daí o autor defender projetos que pesquisem sobre o Funk e o Axé, no âmbito das danças contemporâneas, por exemplo.

Desse modo, o estudo da Cultura Corporal assume características mais específicas, adequadas à formação para o trabalho, exigindo dimensões pedagógicas que são adquiridas em processos formativos, nem sempre vivenciados no cotidiano dos professores dos cursos e de seus gestores e conceptores do currículo. Podemos afirmar que na proposta de formação apresentada no Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFC encontramos referência a uma concepção de Cultura Corporal.

5 A PESQUISA E SEUS RESULTADOS

Neste capítulo apresentamos as evidências empíricas da pesquisa que foram apreendidas a partir da aplicação dos questionários, os quais foram resgatados a partir dos discursos de cada ator social. Seu principal intuito como técnica da pesquisa qualitativa de caráter exploratório consistiu em elucidar questões e colher elementos que possibilitem compreender a cultura corporal presente no processo formativo dos professores e o veiculado na proposta curricular do Curso de Educação Física da UFC.

A organização e classificação do discurso foi feita tomando por base as questões investigativas, os objetivos da pesquisa e os discursos dos docentes expresso no questionário da pesquisa, onde foram abordados os seguintes aspectos:

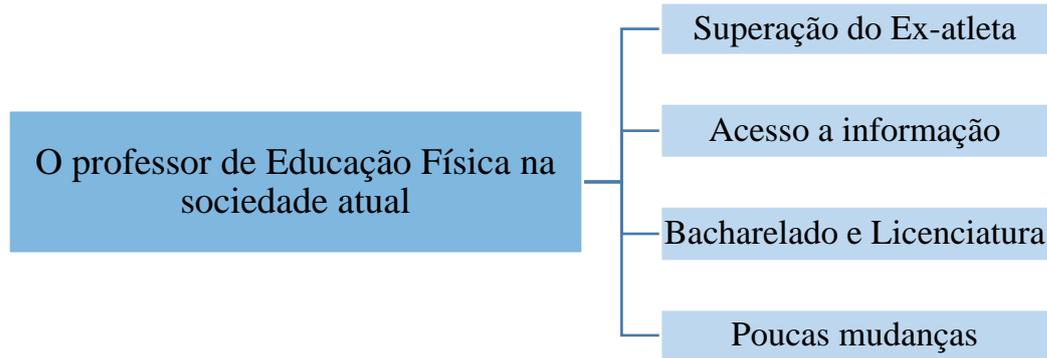
- e) Identificação e profissão;
- f) O professor de Educação Física na sociedade atual;
- g) O curso de formação;
- h) Cultura corporal.

Vale destacar que as temáticas supracitadas auxiliaram a compreensão da identidade dos profissionais de Educação Física, bem como a compreensão do currículo nos seus diversos níveis: prescritivos (documentos curriculares); perceptivos (percepção dos professores e do pesquisador); existencial (dos alunos) e oculto (valores culturais e éticos). O nível do currículo oculto será explicitado através da análise na proporção em que os valores culturais e éticos foram considerados como fatores presentes no currículo.

5.1 PARTE I – IDENTIFICAÇÃO COM A PROFISSÃO DOCENTE

No questionário objeto da coleta de dados, dividimos em categorias as questões. A primeira refere-se à condição do professor de Educação Física na sociedade atual.

5.1.1 O professor de Educação Física na sociedade atual



A profissão do professor de Educação Física, de acordo com os professores que responderam aos questionários, vem historicamente passando por mudanças que refletem na superação do ex-atleta para legitimação da profissão com a licenciatura ou bacharelado.

Segundo a fala dos entrevistados:

Bom eu acho que a profissão do professor de Educação Física, ela teve uma melhora muito grande na medida que quinze e vinte anos atrás qualquer pessoa podia ministrar a Educação Física seja na escola ou na academia. Bastava que você fosse um ex-atleta ou um prático e o hoje, já na década de noventa, a própria LDB colocando a educação física, colocando a Educação Física como um componente curricular obrigatório, a gente tem uma valorização do profissional e as pessoas que começaram a se ir para a área se tornaram pessoas estudiosas. Hoje o educador físico ele é alguém que estuda. É alguém que passa pelo conhecimento científico. Ele vivencia práticas acadêmicas. Ele não é só mais aquele prático ou simplesmente um ex-atleta. Isso tanto no âmbito da academia como no âmbito da escola. Então eu acho que houve uma melhora muito grande com relação a profissão do educador físico seja na licenciatura, seja no bacharelado (LIMA VERDE).

Acredito que diante das mudanças ocorridas, hoje o profissional de Educação Física vem se desdobrando para identificar-se em cada um dos nichos criados: Bacharelado e Licenciatura, o que parece não estar muito claro para todos. No entanto, a valorização deste profissional, a meu ver, vem aumentando progressivamente, uma vez que a compreensão do público acerca do que este profissional faz e sua importância para a manutenção da saúde, por meio das atividades temas da Cultura Corporal, tem se transformado paulatinamente (LARA).

Nos dois posicionamentos, observamos que o enfoque na valorização do professor e Educação Física está relacionada ao estudo em níveis de bacharelado e licenciatura, ou seja, a formação profissional. Isso nos leva a inferir que ocorreu uma superação do tecnicismo reconhecido no ex-atleta para o investimento contínuo nos processos formativos. Sobre esta questão, Pimenta (2006) nos lembra a necessidade da formação do professor que legitima no campo da Pedagogia como Ciência da Educação, enquanto prática social. Desse modo, a autora aponta cinco possibilidades formativas, como forma de superação do modelo de professor “que sabe da matéria e domina as técnicas para o professor pesquisador.

A autora acredita em uma perspectiva de um professor que supera o professor ‘reflexivo’. Quando pensamos o docente nessa perspectiva, entendemos a docência como um projeto formativo que acontece no campo da coletividade:

- a) Da perspectiva do professor reflexivo ao intelectual crítico reflexivo, ou da dimensão individual da reflexão ao seu caráter coletivo público e ético;
- b) Da epistemologia da prática à práxis, ou da construção de conhecimentos por parte dos professores com base na análise crítica (teórica) das práticas e ressignificação das teorias baseada em conhecimentos da prática (práxis);
- c) Do professor pesquisador à realização da pesquisa no espaço escolar como integrante da jornada de trabalho dos profissionais da escola, com a colaboração de pesquisadores da universidade, ou caminhar para se instaurar na escola uma cultura de análise de suas práticas, baseada em sua problematização na realização de projetos coletivos de investigação, com a colaboração da universidade; além disso, reforçar a importância da universidade na formação, com processos formativos que tomem a realidade existente como parte integrante do processo, no qual a pesquisa seja o eixo central;
- d) Da formação inicial e dos programas de formação contínua (que podem significar um descolamento da escola, aprimoramento individual e um corporativismo) ao desenvolvimento profissional, ou considerar o desenvolvimento profissional como resultante da combinação existente entre a formação inicial, o exercício profissional (experiências próprias e dos demais) e as condições concretas que determinam ambos;
- e) Da formação contínua que investe na profissionalização individual ao reforço da escola e do coletivo no desenvolvimento profissional dos professores, ou superar a perspectiva individualista de formação, centrando-a no espaço escolar, isto é, na construção do projeto pedagógico (PIMENTA, 2006, p.72).

Trazendo esta discussão para o tema em estudo, podemos verificar que as possibilidades supracitadas podem contribuir para o entendimento de uma reflexão sobre o ensino de Educação Física na perspectiva de ensino e aprendizagem, levando em conta a Cultura Corporal necessária para as atividades docentes em Educação Física.

Um segundo enfoque dado nos questionários situou-se no reconhecimento das mudanças ocorridas na sociedade atual e suas tecnologias. No entanto, os sujeitos reconhecem a falta de valorização de acompanhamento das mudanças tanto por parte da sociedade, como dos próprios profissionais.

Nossa sociedade mudou muito nos últimos 40 anos. Tivemos mudanças políticas, sociais e culturais. Acredito que o contexto das aulas de Educação Física escolar não acompanhou essa mudança e ficou cada vez mais precário. Nem mesmo 1 aula por semana é "efetivamente" respeitado em alguns contextos. Creio que a situação tem melhorado, mas o conflito entre os professores e as instituições de gestão escolar ainda é enorme (ELDER).

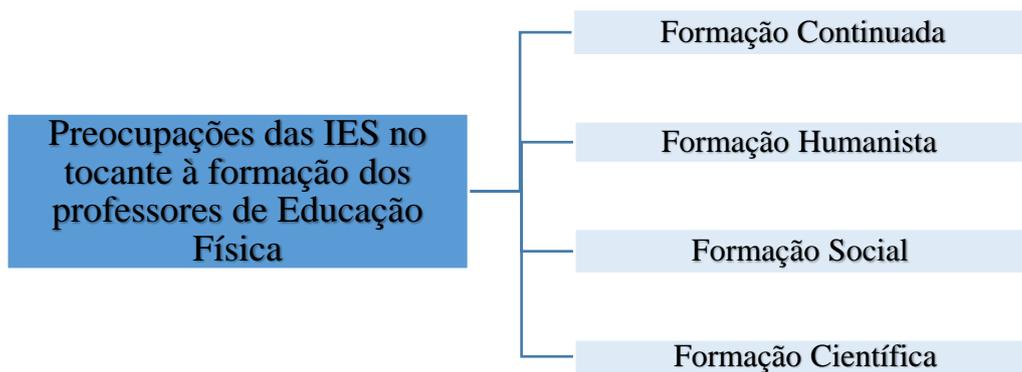
A sociedade passou a valorizar a profissão / profissional de Educação Física, porém as instituições oficiais ainda não os valorizam a contento. No início o professor de Educação Física era formado para ser técnico de modalidades, ao passar do tempo os currículos das IES foram se modificando e possibilitam a uma formação que possibilitasse esse profissional a perceber uma formação mais genérica, entendendo que o homem deve ter uma formação mais ampla. Outro fato que pode ter contribuído para esse reconhecimento foi a regulamentação da profissão, bem como, o surgimento de cursos de pós-graduação lato e stricto sensu (JOSÉ).

Bom, a profissão da Educação Física na atualidade, ela passou por muitas mudanças, principalmente a questão do acesso às informações. Nos últimos dez anos, na última década, tem se produzido muito em relações às novas tendências, novas tecnologias na Educação Física. No entanto, esses avanços no volume de informações, principalmente no Brasil, ele não refletiu diretamente nas mudanças, nas estratégias e na metodologia do professor de educação física. O que se observa hoje é que

muitos professores, embora tenham informação, eles não aplicam em suas áreas, tanto a nível das universidades como nas escolas. Eles continuam trabalhando com as antigas informações, com os antigos métodos e com as antigas estratégias (GABRIEL).

Observamos que os participantes da pesquisa enfatizam que existem mudanças no âmbito das inovações referentes aos avanços da área da Educação Física, no entanto os mesmos não colocam em prática quando vão ministrar suas disciplinas, sobretudo nos cursos de graduação. Tal atitude nos remete a deduzir que isto decorre da influência tecnicista no seu processo formativo, pois, a Cultura Corporal é um conhecimento novo, tanto para sociedade, quanto para os profissionais que passaram pelo processo formativo na década de 1980. Imbernón (2006), ao defender a formação de professores baseada nos problemas do espaço escolar, viabilizada pela pesquisa, nos leva à compreender que a inovação somente se efetivará a partir dos processos de pesquisa e reflexão.

5.1.2 Preocupações das IES no tocante aos professores de Educação Física



Na análise do Proposta Curricular do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFC identificamos uma preocupação com a formação cidadã e com a criticidade dos estudantes. Isso pode ser comprovado na proposta prescritiva do currículo, que explicita em seu texto a sua fundamentação nos documentos legais que amparam o processo de reestruturação dos cursos de licenciatura no país e foram consubstanciados no Parecer CNE/CP nº 09/2001 e na Resolução Nº 1/2002, que institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena, além da Resolução CNE/CP nº 2/2002, que estabelece a duração e a carga horária dos cursos de Formação de Professores para a Educação Básica. No entanto, no que concerne à visão dos professores sobre as preocupações das IES, no tocante à formação dos professores de Educação Física, vamos perceber que em seus discursos existe uma

variedade de aspectos que se inter-relacionam entre si, como segue nas respostas dos professores sujeitos da pesquisa.

As universidades, principalmente as públicas, se preocupam sim com a educação continuada dos professores de Educação Física, a nível de mestrado e doutorado. O que eu observo que nas universidades particulares esse incentivo não é da mesma maneira. Nas universidades particulares o objetivo dos professores é mais dar aula, muito em sala de aula. Não sobra tempo para pesquisa e nem para extensão. A gente que trabalha nas universidades públicas nós somos beneficiários por que nós temos esse tempo disponível para fazer pesquisa e extensão (GABRIEL).

Essa preocupação ela é muito forte. A gente tentar criar um currículo que valorize muito essa questão dos valores, essa questão da percepção atitudinal. Quer dizer que a gente vai só valorizar o gesto técnico, não é que a gente aperfeiçoa só gesto técnico. A gente tem que pensar em professores que vejam o lado humano, conheçam o lado científico e principalmente que conheçam e entendam a sociedade. A gente entende vive em uma sociedade desigual, em uma sociedade muito hierárquica. Então isso vai ter um reflexo na escola, isso vai ter um reflexo nos clubes. Então cabe também a Educação Física e também as outras áreas, tentar interromper com isso. Então nosso currículo visa a formação científica, técnica e humana (LIMA VERDE).

Nóvoa (1997) apresenta um ângulo de formação contínua no processo de reconstrução da identidade pessoal docente. Os professores entrevistados dizem que existe uma preocupação muito forte com a educação continuada. No entanto, esta preocupação não se efetiva no coletivo, mas sim, no nível individual.

Acho que são a de formar bem o licenciado em educação física. Que esse professor possa na graduação conhecer, respeito e ter interesse e competência para atuar na escola. Que os conhecimentos adquiridos possam ajudar na atuação profissional comprometida com a escola e com o desenvolvimento social (ELDER).

Não conheço as preocupações de todas as IES, posso falar do IEFES/UFC, onde nos preocupamos em formar profissionais competentes, éticos e que respeitem os seres humanos que estarão sob sua responsabilidade (LARA).

As demais não conheço, mas na UFC busca-se formar um profissional consciente de sua importância social, participativo, crítico e capaz de entender que o homem deve ter uma formação integral (JOSÉ).

O conteúdo expresso nas falas dos atores da pesquisa evidencia que a extensão do processo formativo que os alunos passam numa instituição vai além do simples aprendizado do saber formal. As instituições se preocupam com os seus currículos de formação por entender que esses profissionais tem uma inserção na sociedade influenciada por um sistema de valores e ideologias que são construídos por instituições que também se encontram à frente do processo de vida da sociedade. Tais observações nos levarão a buscar a conceituação de Paulo Freire (1996, p. 6) sobre humanização.

É nesse sentido que reinsisto que formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas, e porque não dizer também quase da obstinação com que falo do meu interesse por tudo o que diz respeito aos homens e às mulheres, assunto de que saio e volto com gosto e quem lhe dá pela primeira vez.

Daí a crítica permanente presente em mim à malvadez neoliberal, ao cinismo de sua ideologia fatalista e a sua recusa inflexível ao sonho e à utopia.

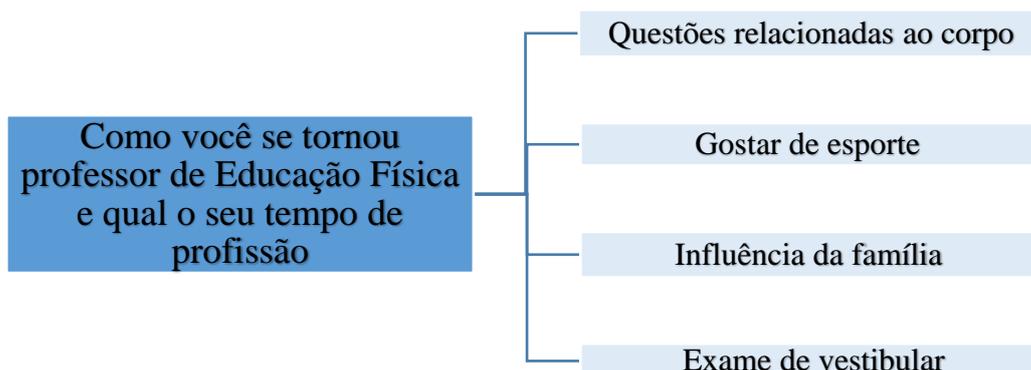
O pensamento de Freire (1996) parece ir ao encontro do que foi apreendido nas falas dos que se aproximam da ideia da educação, Educação Física e o esporte como formas de ação política. Anunciam que a proposta pedagógica do curso não deve se centrar em formar docentes voltados exclusivamente para o mercado de trabalho ligado à indústria da beleza ou para o esporte de alto rendimento.

Percebemos, ainda, que os atores da pesquisa nos levam a deduzir que o projeto pedagógico tenha sido construído coletivamente através da articulação entre ensino, pesquisa e extensão, ou seja, na articulação da teoria com a prática. Existe, ainda, uma certa preocupação com a formação continuada voltada para possibilitar a relação entre formação inicial e continuada no mundo do trabalho.

Vale ressaltar a importância da Cultura Corporal na formação destes profissionais, baseado no pensamento de Darido e Rangel (2005, p.30) ao ressaltarem “[...] que a Cultura Corporal de movimento pode caracterizar mais adequadamente a Educação Física como área de intervenção pedagógica”. Conforme as autoras supracitadas, a Cultura Corporal proporciona uma ferramenta inovadora na área, facilitando o fazer pedagógico e, assim, formando profissionais cada vez mais capacitados.

A partir das respostas dos atores da pesquisa sobre a identidade docente e a sua percepção sobre o seu processo formativo, percebemos que ocorre uma maior ênfase em: fatores sociais, emocionais e experienciais do que os conteúdos apresentados nas disciplinas dos cursos, às metodologias e os materiais didáticos, como podemos perceber nas falas relacionadas a seguir dos entrevistados da pesquisa, quando os professores respondem como se tornaram professores de Educação Física e qual seu tempo de profissão.

5.1.3 A chegada a profissão e o tempo de atuação profissional



Eu me tornei professor de educação física, primeiro por que eu gosto, pelo esporte, da atividade física. Eu me tornei profissional pelo interesse sobre o corpo, as diversas dimensões do corpo. Atualmente eu estou na universidade, mas eu passei por vários contextos da educação física, partindo do ensino inicial até a quarta série, ensino fundamental, segundo grau. Então foi uma caminhada longa. E antes de estar nessa universidade pública, eu trabalhei em duas universidades particulares. Então esse foi meu caminho para me tornar o professor dessa época (GABRIEL).

Eu me tornei professor de Educação Física meio como um hobby. Eu sempre fiz muito esporte. Eu fiz judô, joguei vôlei, joguei futebol, fiz capoeira. Gosto muito de atividades no mar. Então eu já tinha outra profissão e resolvi fazer Educação Física quase como um hobby. Fiz o vestibular e passei na UFC e desde a faculdade me encantei com o curso. Me encantei muito, tanto que assim que me formei eu comecei a trabalhar na área. Trabalhei com esporte adaptado. Trabalhei com equipe esportiva. Trabalhei em escola. E tive a sorte de conseguir entrar logo numa universidade pública como professor. Eu tenho de profissão, são dez anos já só de UFC (LIMA VERDE).

Como foi me graduando. O porquê está relacionado à percepção de que as práticas corporais tinham um efeito surpreendente, na minha percepção, na saúde das pessoas e teve na minha saúde também. Sou graduado desde 2006, atuando desde esse ano no ensino superior (ELDER).

Três das respostas para a pergunta: Como se tornou professor de Educação Física estiveram ligadas ao esporte e à atividade física e às experiências docentes na rede pública ou em atividades em escolas particulares.

A experiência anterior com o ensino apresenta-se como fator de importância para o ingresso na Universidade Pública. Outra vertente de pensamentos dos professores sobre o ingresso no ensino superior foi a tradição familiar e o ingresso no ensino superior.

Tenho familiares professores e sempre me identifiquei com a profissão. Sou professora de Educação Física, juntando a Educação Básica e o Ensino Superior, há 28 anos (LARA).

Submetendo-me ao exame de vestibular na universidade de Fortaleza, completando trinta e cinco anos de formado (JOSÉ).

Todas as respostas se encaminharam para os saberes da experiência, como explica Pimenta et al (2013, p. 147):

Tomar a memória como base de novas experiências significa percebê-las como não generalizáveis, uma vez que são totalmente diferentes [...] por isso, não substituem o ensino e a pesquisa, ao contrário, exercitam o docente a refletir sobre a situação didática na qual está imerso.

A fala dos entrevistados destaca o aspecto prático do seu processo formativo sem fazer alusão à fundamentação teórica que estava presente no currículo do seu curso. As falas nos remetem a influência do currículo da Educação Física da década de 1950, onde vamos perceber a passagem da preocupação ortopédica e higiênica para a eficiência do rendimento físico, uma vez que, dos cinco entrevistados se encontram no intervalo de 10 a 35 anos de atuação do magistério. Compreendemos, a partir disso, que na sua formação eles devem ter

sido alunos de professores que foram formados por profissionais de Educação Física que assumiam a identidade de instrutores, cujo processo de socialização consistia em treinamento realizado dentro de uma Escola de Educação Física militar.

Vale ressaltar que nas várias reformas da educação brasileira assistimos o surgimento do movimento da Escola Nova, que foi o primeiro a atribuir uma participação importante e sistematizada à Educação Física, introduzindo o jogo às suas práticas. Com a inserção do jogo no currículo ocorreu uma demarcação de um período de transição da proposta curricular dos Cursos de Educação Física.

Nunes e Rúbio (2008) chamam atenção para a década de 1980, momento em que alguns dos atores da nossa pesquisa estavam frequentando a universidade. Na década de 1980, no governo Figueiredo ocorreu uma crise de identidade na área de Educação Física e a busca da elaboração de um novo referencial teórico. Nunes e Rúbio (2008, p. 64) sublinham essas mudanças afirmando,

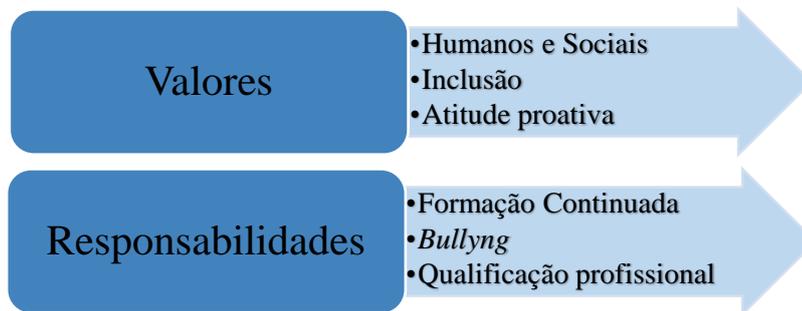
[...] Com o surgimento das Ciências do Esporte, algumas críticas foram feitas, pois se alegava falta de conhecimento científico para fundamentar a prática pedagógica. A perspectiva do desenvolvimento humano também ganha força com a divulgação das pesquisas em Desenvolvimento Motor e Aprendizagem Motora. Outro fator decisivo foi o estabelecimento de relação da área com as Ciências Humanas. Esta relação ganha corpo com a aproximação das análises críticas a respeito da função social da educação e, particularmente, da Educação Física, agora, escolar. A Educação Física insere-se e absorve as discussões pedagógicas em busca de transformações da sociedade.

As análises das falas dos autores e da literatura acerca da área de Educação Física demonstram que a identidade profissional desses professores recebeu influências das circunstâncias históricas da Educação no Brasil e no mundo, onde o movimento de reformulação dos cursos de Educação Física se fez presente nos diversos espaços.

Destarte, para compreender o processo formativo do professor e a constituição de sua identidade é necessário estudar os significados e (re) significados da sua vida pessoal e profissional, como a influência familiar e outras experiências de vida pelas quais passou. Esses fatores exercem influência na escolha de uma profissão, as características e predisposições individuais, convicções religiosas, valores e crenças, situação econômica, a influência da família e dos pais.

As influências culturais também podem instigar a escolha pela profissão de professor de Educação Física. Daolio (2004, p.2) afirma que a “[...] cultura é o principal conceito para Educação Física, porque todas as manifestações corporais humanas são geradas na dinâmica cultural”. Portanto, fica explícito que os traços culturais desses professores podem justificar a escolha pela referida profissão.

5.1.4 Expectativa quanto ao profissional de Educação Física: valores e responsabilidades



A literatura sobre formação de professores, ao tratar da identidade desse profissional, recorre frequentemente ao uso de comportamentos para expressar suas expectativas em torno do seu papel. Como ressalta Cunha (1996), em sua tese de doutorado *O bom professor e sua prática*, onde aborda os motivos pelos quais alguns profissionais são considerados competentes. Ao serem questionados sobre os valores e responsabilidades esperados do profissional do Ensino em Educação Física os professores responderam:

Bom, era uma coisa que eu falava até com os bolsistas antes. O mais importante é a atitude. Muitas vezes as pessoas se preocupam muito no volume de informação. Mas não tem uma atitude proativa. Então o profissional ele pode ter o mínimo de informação, mas ter uma atitude proativa de sempre estar querendo buscar mais. Buscar novas estratégias, novos nichos de mercado. Então é necessário você ter uma atitude proativa. Continuar na formação continuada sempre ampla. Buscar novas maneiras, novas estratégias, até por que os alunos vão evoluindo e nós precisamos acompanhar a evolução dos alunos. Os novos interesses, os novos nichos do mercado, novas oportunidades (GABRIEL).

Encontramos nesse discurso as marcas das contradições e da vertente tradicional presente no campo da Educação Física que padece com os determinantes próprios de uma sociedade organizada em classe, onde a maior parte da população não possui acesso aos bens culturalmente produzidos. Por outro lado, cabe lembrar que estamos inseridos numa sociedade de classe, a apropriação, o conhecimento e o reconhecimento deste bem se encontram na dependência da situação de classe e da consciência histórica da mesma.

Outrossim, deve-se considerar que esta formação não é uma fórmula mágica, aliás é uma continuidade em estudos, trocas, vivências durante o próprio processo de capacitação dos docentes. Os gestores têm que incentivar seus professores a se abrirem para o novo. Lima (2001) problematiza essa questão quando explica que o desenvolvimento profissional e formação contínua acabam imersos no panorama da globalização neoliberal e na crise do capital. A contradição se evidencia diante da procura cada vez mais intensa pelos cursos de preparação para o magistério, que é uma das poucas profissões que ainda apontam para uma

relativa possibilidade empregatícia no mercado. No caso dos concursos, existe uma frequência cada vez maior para os concursos para o magistério de caráter temporário, o que mostra a falácia das promessas de efetivação.

Como podemos observar, a autora aponta a necessidade da formação de professor ser pensada numa perspectiva mais abrangente, para além da sala de aula, indo em direção a uma compreensão da política educacional e da conscientização do professor de seu lugar na sociedade como trabalhador. Por isso, a formação dos professores não pode estar desvinculada das políticas educacionais, do trabalho coletivo, em uma ação pedagógica de confiança em seus saberes pedagógicos.

A inclusão é outro aspecto levantado no discurso dos sujeitos da pesquisa conforme podemos constatar, a seguir

Eu acho que um valor importante hoje dentro da Educação Física principalmente se estiver na escola e na academia é a inclusão. Tem que pensar na inclusão. Você tem que pensar na qualidade do bem-estar. Você tem que pensar e individualizar o tratamento, seja isso que vale para academia, vale para escola. Talvez nem tanto para o clube, porque o clube tem aquele aspecto meio excludente. Quando você está em um alto rendimento, mas quando você sai de alto rendimento eu acho que você tem que pensar muito da inclusão para que todo mundo possa pensar na qualidade de vida. Na responsabilidade de não lesionar, de não machucar aquele seu aluno, de você evitar qualquer forma de bullying. Eu acho que esse são os valores do futuro (LIMA VERDE).

Este autor nos apresenta a perspectiva da presença da inclusão na prática pedagógica do professor de Educação Física, que nos leva a pontuar a necessidade de que no processo formativo desses profissionais estejam presentes: o reconhecimento das diferenças, os desafios do convívio, como a valorização da subjetividade no processo de ensino e aprendizagem e o contínuo questionamento de padrões arraigados nas estruturas escolares.

No seu discurso podemos perceber, ainda, a preocupação com os atos de *bullying*, que nem sempre ficam explícitos para os alunos e professores, uma vez que tem situações que os discentes não conseguem diferenciar o “*bullying*” de brincadeiras ou agressões casuais que não oferecem riscos para os envolvidos. Na literatura sobre esse assunto, os estudiosos destacam que a dificuldade em se perceber o “*bullying*” reside no fato de que grande parte dos estudantes não enxergam o mesmo como uma violência. Acrescente-se a isso que a maior parte das vítimas raramente denunciam a violência, dificultando ainda mais a sua percepção.

Os valores humanos, ou seja, morais: ética, respeito, companheirismo. Compreensão, cooperação, que estão todos interligados no amor fraterno, o amor ao humano (LARA).

Valores: Respeito, ética, comprometimento, ação democrática, companheirismo e profissionalismo (ELDER).

Responsabilidades: Competência, dedicação, sensibilidade e interação (ELDER).

Que o profissional seja ético acima de tudo, procurar se atualizar e estar buscando informações em todas as áreas possíveis. É importante que ele procure cada vez mais se qualificar e apresentar trabalhos científicos (JOSÉ).

No discurso dos professores ficou evidenciado que os valores e responsabilidades esperados do profissional de Educação Física demonstram a sua preocupação com valores que foram desenvolvidos e aprimorados no seu processo formativo, os quais os levaram a aumentar o seu nível de conscientização educacional, desencadeando um processo autocrítica nesses profissionais.

5.2 PARTE II – O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA SOCIEDADE ATUAL

A Educação Física tem sido apontada como a profissão do futuro devido a uma marca muito forte que é a Cultura Corporal, o cuidado do corpo, aliado à ideia de “corpo sarado” e ligado a saúde “geração saúde”. Isso é reforçado pela busca de prestação de serviço através de profissionais especializados e qualificados, no caso do *Personal Trainer*, dentre outras demandas de atividades físicas para jovens e idosos.

5.2.1 Demandas da sociedade do ‘corpo sarado’ e ‘geração saúde’

Diante das reflexões acerca da Educação Física no contexto da sociedade contemporânea, foi elaborada a seguinte questão para os professores do curso: como o Curso da UFC tem respondido a essa demanda?



Bem, na minha opinião, existe um problema grave na Educação Física. O problema de chama a falta de bases teóricas é uma questão epistemológica. Nós não temos teorias que nos sustentam na nossa práxis. Nós nos apropriamos de outras bases, como da Psicologia, das Ciências Biológicas, da Sociologia, da Antropologia. Mas a Educação Física como ciência em si, ela não tem a suas próprias teorias. Então esse é um grande problema epistemológico da Educação Física. De outra maneira, as áreas das Ciências da Saúde têm entrado no mercado da Educação Física muito forte e eles estão se apropriando até em demasia. Muitos cursos estão se tornando muito

biológicos, tanto nas suas aulas tanto nas suas produções acadêmicas, artigos, TCC. Dando ênfase em demasia a essa questão da saúde. Não digo que não seja importante. Ela é muito importante, mas ela não pode tirar espaço das outras áreas que é a essência da Educação Física, como falei antes a questão sociológica, a questão da capacidade para os esportes, as manifestações corporais, as novas manifestações corporais que vem surgindo. Então é uma das questões que eu estou observando. Um desses problemas é que os cursos de Educação Física aceitam outros profissionais da área da saúde. No entanto, outros Cursos de graduação, como por exemplo na Medicina, você não encontra educador físico, na odontologia você não encontra, na nutrição você não encontra. Mas a Educação Física abre as portas para todas as áreas tanto nos programas de graduação e de pós-graduação. Então, lamentavelmente está sendo esse problema. A questão é que são muito abertas. As pessoas pesquisam na área que já tem sua raiz e não contribuem de uma maneira específica na Educação Física (GABRIEL).

De acordo com o professor, o curso de Educação Física não responde às questões do “culto ao corpo” e “geração saúde” por não ter bases epistemológicas suficientes para sustentá-las. Furtado (2014) vai ao encontro desta ideia ao apontar que epistemologia da Educação Física tem essências das ciências naturais e humanas, preconizando que:

A pesquisa epistemológica em Educação Física parece ser interessante justamente por considerar que em sua essência estão dois tipos de racionalidade, a das ciências naturais e a das ciências humanas e como citado anteriormente estimula no meio acadêmico um processo de autorreflexão e autocrítica sobre seus resultados e sobre os processos e condições de sua produção. A epistemologia amplia a possibilidade de identificação de problemas, tendências, perspectivas de um determinado campo científico.

As ideias de Furtado (2014) apontam em direção ao destaque que o professor mencionou, ao abordar as questões referente a fragilidade da fundamentação teórica do curso. Acrescente-se, ainda, os comentários feitos pelos demais docentes nas questões relativas tanto ao “corpo sarado” como a da “geração saúde” sendo mais abordada nos cursos de bacharelado, ao passo que na licenciatura são discutidas temáticas que se aproximam mais da essência da Cultura Corporal. Salientamos que todos apontam a importância de formar profissionais que enxerguem o corpo além dos padrões estéticos exigidos pela sociedade, que consigam integrar corpo e mente.

Eu acho que o curso de bacharelado está muito preparado para desenvolver essas questões do corpo sarado, está voltado muito para essas questões da imagem corporal. Eu acho que isso tem se desenvolvido nas diferentes disciplinas do bacharelado. Na licenciatura essa questão do corpo sarado aparece menos. Acho que aparece mais a formação do cidadão e talvez essa questão da geração saúde. De você estar pensando a Educação Física Escolar com também um dos instrumentos para que aquelas pessoas tenham consciência da sua saúde, além da formação cidadã. Eu acho que os dois cursos têm tentado responder isso através de seu currículo (LIMA VERDE).

Cuidando para que os futuros profissionais não mantenham a ideia de saúde ligada apenas ao “corpo sarado” e sim à saúde integral do ser humano e seu desenvolvimento pleno (LARA).

Em alguns momentos do curso a discussão sobre saúde acontece em uma perspectiva crítica. Por exemplo, sobre o próprio conceito de saúde, ter um corpo sarado não é um exemplo imediato de corpo saudável. Ainda temos que inserir melhor essa discussão no desenvolvimento curricular (ELDER).

Conscientizando ao futuro profissional de que só o corpo não é tudo e sim, esse corpo tem uma mente e que também está inserido numa sociedade. Lembrar que o corpo padece, daí ser importante continuar a fazer atividade física para a manutenção da saúde e de bom relacionamento (JOSÉ).

Os professores assinalam que as questões relativas ao “corpo sarado” e “geração saúde” são discutidas com maior frequência no bacharelado e os professores tentam fazer uma conscientização profissional em relação ao tema em pauta. Este fato nos leva a refletir sobre a lacuna que existe na formação do educador físico, uma vez que são evidentes os traços do tecnicismo, uma vez que, esses professores nos mostram que esta temática só é discutida pelos bacharéis por conta da área de atuação ser voltada para informalidade. Tal depoimento nos levou ao pensamento de Daolio (2004, p.73), quando faz preposição da Educação Física da desordem,

[...] não se preocuparia em controlar ou domesticar objetivamente elementos como o indivíduo, o tempo, o espaço, a história, o corpo, o movimento, a sociedade, o desenvolvimento individual ou social, a cognição, a emoção, os conteúdos escolares, o esporte etc. A Educação Física da desordem pretenderia atuar sobre o ser humano no que concerne às suas manifestações corporais eminentemente culturais, respeitando e assumindo que a dinâmica cultural é simbólica e, por isso mesmo, variável, e que a mediação necessária para essa intervenção é, necessariamente, intersubjetiva.

O pensamento de Daolio (2004) deixa transparecer que já existe um movimento de superação da problemática apresentada na fala dos sujeitos que tem como intuito reorganizar essas questões para que sejam discutidas no curso de Educação Física, independentemente de ser bacharelado ou licenciatura, levando em conta a Cultura Corporal.

É perceptível a veiculação, nas mídias, de um ideal de que os corpos que devem ser “sarados”, ou seja, corpos perfeitos, belos, sem gordura. Tal imaginário sobre ideal de corpo apresenta para os profissionais da Educação Física a responsabilidade de lidar com esse estereótipo nos corpos dos alunos e nos seus próprios corpos, uma vez que isso não significa necessariamente saúde. Tais discussões levaram à formulação da seguinte indagação aos professores do curso em tela: a Cultura Corporal tem implicado no próprio corpo do professor de Educação Física, levando em consideração fatores sociais, econômicos e pessoais?

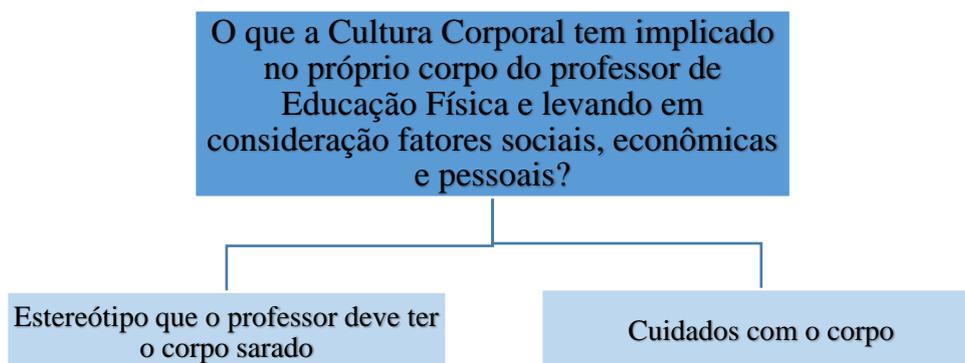
Importante seria a organização de eventos, pesquisas e grupos de estudos para o debate desta questão, sem perder de vista a formação de professores que, de acordo com Imbernón (2006) deve ser centrada nas situações problemáticas, ocorridas nas escolas.

Importante, também, que o coletivo institucional, ao se conscientizar dos problemas para a busca de soluções no seu “grupo coletivo” e nos fóruns de discussão entre os diferentes cursos de Educação Física.

Vale, igualmente, indagar: de que saúde estamos falando? Ayres et al (2006) explicam que o enfoque hermenêutico da saúde, defendido como reconstrução humanizadora das práticas de saúde que envolvem profissionais, serviços, programas e políticas, que orientem as ações na direção do coletivo da educação permanente em equipes multiprofissionais. É nesse sentido que os autores definem saúde, como busca contínua, socialmente compartilhada em coletividades destinadas aos projetos de felicidade.

5.2.2 A Cultura Corporal e suas implicações no corpo de professores de Educação Física

Estudos já citados no referencial teórico desta Dissertação mostram a questão da problematização do profissional do magistério na crise do capital. Em situação de igualdade com os demais profissionais do campo da Educação, o professor de Educação Física vê seus direitos sendo subtraídos. Este contexto soma-se às exigências da própria área e da ideologia vigente do corpo “em forma”, como vimos nos capítulos anteriores. Sobre esta questão, lançamos aos professores participantes da pesquisa as seguintes indagações: Em que a cultura Corporal tem implicado no corpo do Professor de Educação Física? Fale sobre o estereótipo do que o professor de Educação Física precisa ter o “corpo sarado”? Que cuidado com o corpo o professor de Educação Física consegue ter?



Diante das questões lançadas, os professores revelam o incômodo de serem cobrados pelos alunos, chegam ao desabafo: “*como se o professor não fosse humano*”. A outra fala “*me permito certos excessos, certos caprichos, uma batatinha frita*”.

Essa é uma questão interessante porque bem como a gente estava conversando antes que o professor de educação quando é visto comendo uma coxinha, uma fritura não, não pode. É como se ele não fosse um ser humano que também não pudesse cometer os seus pecados. Eu acho que a gente tem que sair de dogmatismo. Aprender a viver com bom senso. Então eu por exemplo tento ter uma vida mais ou menos regrada ao longo da semana, mas no final de semana eu me permito certos excessos. Certos caprichos, como uma batatinha frita. Claro que a gente tem que entender que o professor de Educação Física é um ser humano que também tem direito de fazer as suas escolhas (LIMA VERDE).

Às vezes, acontece a cobrança de que o professor vista o estereótipo do “corpo sarado”, por exemplo, a necessidade de “fazer” as mesmas coisas que os alunos ou que a mídia propõe (ELDER).

A forma da mídia fica colocada nas falas dos docentes quando expressam a necessidade de fazer escolhas, na qualidade de humanos. Concordamos com Codo, Sampaio e Hitami (1993) quando afirmam que a vida dos homens não se reduz ao trabalho, mas não pode ser compreendida na sua essência.

Soma-se a esta questão outra demanda do ensino superior que é a produção científica, a manutenção do *qualis*. Trabalhar com o corpo e ao mesmo tempo ter concentração para a pesquisa, a produção com artigos em revistas científicas se constitui uma polaridade de difícil gerência e condução.

Entendo que ao ingressar na faculdade os alunos enveredam por esse ângulo, ou seja, acham que para ser professor de Educação Física deve ter um corpo sarado. Porém, ao passar do tempo e cursando algumas disciplinas ele observa que o conhecimento científico pode prevalecer. O exercício passa a compor um processo na qualidade de vida desse profissional (JOSÉ).

Bom na minha opinião a Cultura Corporal, ela traz informações ao profissional de Educação Física para o próprio cuidado pessoal, como na dimensão social. No entanto, a atualidade, os problemas do dia-a-dia te deixam perder um pouco o foco. Eu vejo essa questão. Eu conheço muitos profissionais exaustos nas questões da produção científica, para manter seu *qualis* e seu *lattes* produtivo para conseguir dessa maneira novos editais, novos recursos para fazer as suas atividades acadêmicas (GABRIEL).

A preocupação com o reconhecimento do profissional e da área e a exigência de produção “*lattes* produtivo” deixa os professores da Universidade em estado de exaustão e de insegurança quanto a recursos e financiamento.

Conforme as elucidações dos professores, observamos que a sociedade espera que o professor de Educação Física esteja de acordo com os padrões exigidos pela sociedade, fato pelo qual, evidencia que existe uma cobrança e um julgamento diante desse professor que pode refletir em aspectos econômicos e pessoais.

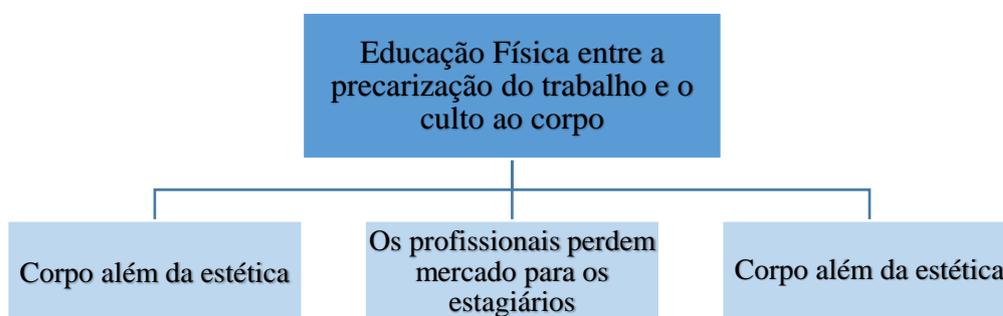
Diante dessa perspectiva, lembramos de duas categorias criadas por Ludorf (2006) em relação ao corpo do professor de Educação Física, em seu artigo *A prática pedagógica do professor de Educação Física e o corpo de seus alunos: um estudo com professores*

universitários. Nele, a autora analisa a concepção de corpo de alguns professores, dividindo o conceito em duas categorias, corpo experimento, que consiste no corpo que vivencia diferentes práticas, sempre voltadas para as tendências atuais da moda positivista e o corpo instrumento, que tem o intuito de executar determinada técnica, na maioria das vezes ser um instrumento para prática esportiva.

Assim como aponta Ludorf (2006), a sociedade tem o olhar semelhante a estas duas dimensões. Esperam que o professor de Educação Física tenha um corpo exemplar e que ele sempre esteja apto para algum desporto. Fato pelo qual não conseguem enxergar quais outros aspectos da Cultura Corporal existem nesses corpos.

5.2.3 A Educação Física e a precarização do trabalho e o culto ao corpo

Nos últimos tempos, assistimos um aumento na precarização do seu trabalho dos profissionais de Educação Física, que se torna mais evidente no âmbito *fitness*, onde ocorre a mercantilização das práticas corporais. Esse cenário contribuiu para a formulação da indagação para os sujeitos sobre a percepção que eles possuem sobre a Educação Física na sociedade atual, entre a precarização do trabalho e o culto ao corpo.



Os professores reconhecem que a precarização do trabalho cada vez mais se agrava por conta da falta de emprego e a saturação no mercado de trabalho no campo da educação, mesmo com a explosão do ensino superior.

Bom, eu vejo assim, que sempre houve a precarização do trabalho. Que atualmente existe uma oferta muito grande de profissionais. O próprio mercado se encarrega de selecionar os melhores. Mas o culto ao trabalho é apenas um viés. E como a sociedade está muito atenta àquelas questões passageiras e rápidas, encontra essa cultura o corpo onde o tipo pode se inserir. Mas eu vejo que a falta da transformação do profissional é o problema mais grave desse cenário aqui. Eu digo que os profissionais não vão a fundo de todas as dimensões que essas manifestações culturais têm. Então as questões motivacionais, existenciais, as questões de se sentir bem com o corpo, não apenas estética (GABRIEL).

No entanto, faltam verdadeiras transformações profissionais que estão muito além da beleza física e sim direcionada para a reconstrução da identidade profissional docente (NÓVOA, 1997).

Eu acho que a gente tem que combater as duas coisas. A precarização do trabalho é um problema sério. Quando você coloca muitos profissionais no mercado você começa a precarizar o trabalho. Porque quando você tem uma demanda muito grande, muitas pessoas vão querer trabalhar, aí os donos dos estabelecimentos de ensino ou comerciais vão querer pagar um salário muito baixo. Não adianta você querer colocar condição nenhuma. Vão querer só colocar estagiários, que eu acho que a gente tem que começar a trabalhar contra isso. Eu acho que um certo culto ao corpo não tem problema se for no sentido de você pensar o culto ao corpo como um santuário, como algo sagrado que tem que ser conservado para você ter uma boa, uma vida longa. Mas um culto somente para a aparência ao visual do corpo, eu acho que a gente tem que tomar muito cuidado porque gera a utilização de anabolizantes, gera a gente desvalorizar as pessoas porque são gordinhas, carecas ou por que são muito magras. Não existe isso. Ser humano é ser humano. Independente desse visual que ele tenha. Eu acho que é importante a gente repensar esses dois aspectos (LIMA VERDE).

Algumas instituições ainda privilegiam o culto ao corpo. Locais de trabalho de periferia ainda acreditam no professor com um corpo escultural (JOSÉ).

O professor lembra a questão da humanização do homem, que define seu processo identitário, entendendo que este processo passa por lugares de lutas, conflitos e jeitos de ser e estar na profissão (NÓVOA, 1997).

Apenas três dos cinco professores responderam esta questão. Observamos que os três que responderam apontaram que existe a precarização do trabalho. Segundo os mesmos, ao mesmo tempo em que existe grande número de profissionais no mercado, um dos fatores que atrapalham a inserção no mercado é a questão do culto ao corpo. Afinal, muitas empresas deixam de contratar o profissional por conta de ele não estar atendendo ao padrão de corpo que a sociedade espera.

De acordo com Ribeiro (2011, p.1), a sociedade e os empregadores esperam que o professor de Educação Física cultue o corpo ao assinalar que,

[...] as pessoas em geral têm o professor de Educação Física como um possuidor de um corpo com “boa aparência física”, saudável, apto a praticar as diversas modalidades esportivas e a superar limites. Nessa perspectiva alimentam a ideia de que o trabalho desses deve pautar-se na valorização da aptidão física, do desempenho atlético, da performance, na superação máxima dos limites do corpo em busca de um resultado.

Isto posto, reconhecemos que o culto ao corpo é uma das grandes causas da precarização do trabalho na Educação Física, uma vez que esse profissional, além de passar por todos os outros fatores - como a baixa remuneração e longas jornadas de trabalho -, ainda tem que investir no seu corpo, gastando dinheiro com dietas, suplementos alimentares,

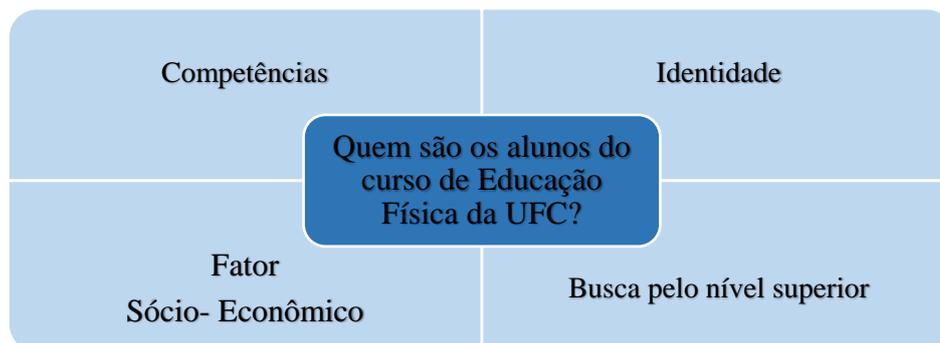
chegando até a fazer o uso de anabolizantes para obter um corpo escultural, o qual, muitas vezes, acaba colocando sua saúde em jogo.

Deduzimos, então, mais uma vez, que a Cultura Corporal perde sua essência, por conta desta interface que existe na formação dos professores, que trazem traços de uma formação biologizante, que só enxerga o corpo como um conjunto de órgãos e reprodutor de técnicas.

5.3 PARTE III – O CURSO DE FORMAÇÃO

O acesso à dimensão pessoal e social dos alunos, bem como suas relações com a sociedade nos fez pensar questionamentos que situassem o aluno do Curso de Educação Física.

5.3.1 Os alunos do Curso de Educação Física da UFC



Nós temos alunos diversos, no sentido de que nós temos alunos de vários níveis socioeconômicos, pelo fato de anteriormente eu ter trabalhado em umas universidades particulares, vejo que nossos alunos da UFC são muito mais comprometidos envolvidos em grupos de pesquisa e extensão. Por outro lado, o nível de conhecimento adquirido, ele é muito grande tendo em vista que os cursos são integrais. O aluno fica a maior parte do tempo dentro da universidade envolvido com todas essas ações (GABRIEL).

Difícil pergunta! Esta uma vez que sinto que precisaria de uma investigação aprofundada somente para esta resposta. Mas acredito que são alunos comprometidos com sua profissão e buscando uma formação mais completa no que diz respeito à Licenciatura e ao Bacharelado (a maioria procura fazer a complementação) (LARA).

Alunos que ingressaram através de vestibular e um percentual muito baixo de egressos de outras IES. Possuem um perfil de boa assimilação de conteúdos e produção textual. Sempre que estimulados a pesquisa o fazem apresentando boa performance (JOSÉ).

São alunos de diversos contextos. Alunos de escolas públicas e particulares que acabaram recentemente o ensino médio. Pessoas adultas, já com profissões, mas que tem interesse na área (ELDER).

Para os professores, os alunos são envolvidos, comprometidos com a profissão, estimulados para as atividades de pesquisa.

Perante as respostas expostas pelos professores, vimos que os alunos da UFC pertencem a diferentes níveis sociais. Os docentes qualificam os discentes como “alunos dedicados”, que optam pela Educação Física em busca de uma profissão que os possibilitem o ingresso no mercado de trabalho. O Projeto Político Pedagógico (UFC, 2012, p.29) do curso de Licenciatura em Educação Física da UFC, por sua vez, ao delinear o perfil do Licenciado no curso supracitado elenca os seguintes aspectos: “promover a formação de um educador autônomo, criativo, crítico, reflexivo, inovador, dotado de curiosidade epistemológica e postura investigativa, capaz de intervir pedagogicamente no contexto específico a partir de conhecimentos de natureza histórico-cultural, técnico-pedagógica e científica”.

Encontramos, ainda, outras peculiaridades a respeito do perfil do aluno destacado pelos professores do curso que merecem a nossa atenção.

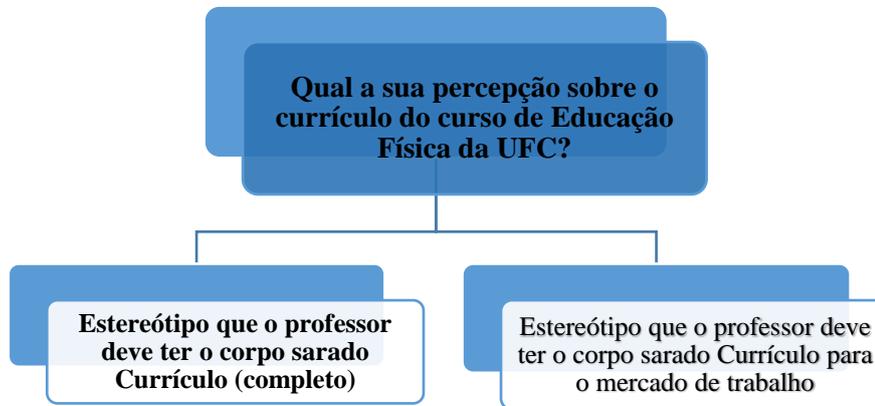
Olha, quando era antes do Enem, quando as pessoas tinham que optar pela Educação Física pelo curso, eu acho que existia uma grande identidade entre os alunos que estavam no curso e o curso. Você dizia assim, eu quero Educação Física antes de fazer o vestibular. Hoje com o ENEM a pessoa passa pelo ENEM e depois escolhe o curso que quer fazer. Tem muita gente que entra na Educação Física querendo Educação Física, mas muita gente também entra como segunda ou terceira opção, que não é bem aquilo que ele queria. Eu vejo essa diferença. Eu fui aluno da Educação Física nesse vestibular antigo que você optava pelo curso antes de fazer o vestibular, e onde ensino hoje existe um problema de identidade por parte dos alunos sim. Existe sim uma parte dos alunos que se identifica, que gosta do curso, que vem aqui pensando que esse é curso que ele quer, mas ainda tem muita gente entrando na Educação Física sem saber o que é, par ver o que acontece. Já escutei muitos dizer: “Ah, vou ver o que isso aqui dá. Esse foi o curso que passei. Parece um curso simpático e acho que vou fazer. ” Então essa coisa do pertencimento ao curso mudou (LIMA VERDE).

De acordo com Imbernón (2010, p.79), o reconhecimento da identidade “[...] permite interpretar melhor o trabalho docente e interagir melhor com os outros e com a situação que se vive diariamente nas instituições”.

Na fala do professor ocorre um questionamento em relação ao recente modelo de seleção de ingresso ao curso adotado pela universidade que tem interferido na escolha dos alunos e dificultado a identidade do curso como a permanência, fato que pode ser considerado um dos fatores de evasão. Por via de consequência, isso pode refletir no processo de constituição da identidade profissional dos alunos.

No sentido de propiciar uma visão mais aprofundada do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFC, estudamos a percepção dos professores sobre o currículo do referido curso e como a mesma influencia na sua prática pedagógica.

5.3.2 O Currículo do Curso de Educação Física



Em seus depoimentos os professores fizeram uma análise da relação entre o currículo proposto e o vivido (currículo prescritivo, currículo em ato e currículo oculto), destacando o processo de construção do currículo pelo qual o curso vem passando, no sentido de adequar-se ao exigido pela legislação, o planejado e o desenvolvido, pelo corpo docente com seus questionamentos as normas burocráticas e a educação.

Bom, eu estou a seis anos aqui na UFC e nesse período nos já modificamos duas vezes as disciplinas e o currículo. Algumas por recomendação do Ministério da Educação. Eu acredito que não foram as mais favoráveis. Foram colocadas algumas disciplinas que assim não faz a essência da Educação Física. São disciplinas muito amplas que não qualificam o profissional para o mercado de trabalho. As outras mudanças eu acredito que foram realmente bem felizes. Foram disciplinas, mudanças de disciplinas e introdução de algumas, aumento da carga horária de outras, mas em relação a realidade, ao mercado que tá pedindo isso. Então nós colocamos algumas disciplinas como a questão bem-estar, como a yoga, a questão das artes, prática integrativa. Então são algumas disciplinas que tem se inserido nesse novo currículo (GABRIEL).

Passou por mudanças necessárias e hoje está atendendo melhor aos anseios dos alunos e futuro profissional no mercado de trabalho (LARA).

Que atende à demanda na perspectiva de formar um aluno diferenciado, participativo, pesquisador, crítico e capaz de inserir na sociedade como participe de mudanças (JOSÉ).

Nós estamos tentando melhorar o currículo, sempre tentar melhorar. Eu sou a favor de um currículo que começa unificado que a pessoas possa fazer dois anos iguais e depois a pessoas possa fazer dois anos de bacharelado e dois anos de licenciatura. Mas hoje não é assim. Hoje o curso é desmembrado por questões até legais. E eu acho que o currículo sempre pode melhorar. O currículo hoje é um currículo muito bom, é currículo que tem uma formação humana, como eu já te falei, tem formação técnica, e tem formação esportiva (LIMA VERDE).

Acho que é um bom currículo. Acredito que temos um bom equilíbrio entre conteúdo das ciências humanas, biológicas e os conteúdos específicos da Educação Física. Creio que os estágios são um ponto importante a ser melhorado (ELDER).

Não podemos esquecer de abordar a preocupação do professor em relação ao Estágio como um espaço de aprendizagem. Para Pimenta e Lima (2009, p.61) “ o estágio como campo de conhecimentos e eixo curricular central nos cursos de formação de professores possibilita que sejam trabalhados aspectos indispensáveis à construção da identidade, dos saberes e das posturas específicas ao exercício profissional docente”. Desta forma, percebemos que o estágio deve ser valorizado, pois possibilita ao aluno vivências do seu futuro campo profissional.

Esse componente curricular é por excelência o espaço de formação docente por possibilitar o aluno um real entendimento das práxis docente. Para Pimenta (1995, p.) a práxis consiste em “dimensões de conhecimento e de intencionalidade (atividade teórica) e a de intervenção e transformação (atividade prática) da atividade docente conferem-lhe o sentido de atividade teórico prática – ou - práxis ”.

Percebemos que os argumentos apontados por Pimenta (1995) sobre práxis é uma das ideias apresentadas pelas inovações curriculares do curso, que repercute na forma de abordagem da Cultura Corporal, refletindo na formação do professor de Educação Física.

5.3.3 Sobre a proposta curricular do Curso de Educação Física da UFC

Outro aspecto que merece destaque nesta pesquisa diz respeito às inovações presentes na atual proposta curricular do Curso de Educação Física da UFC em relação à anterior, no sentido de identificarmos os avanços e os retrocessos.

A proposta curricular do Curso de Educação Física da UFC apresenta inovações em relação a proposta anterior?



Busca pelo nível superior Mudanças nas disciplinas e do currículo

Os professores discorreram sobre as mudanças na proposta curricular. Enfatizaram que uma das principais inovações foi a imposição da disciplina de lutas como obrigatória.

Eu acho que a proposta mais interessante foi o implemento das lutas como uma disciplina obrigatória, porque até então não era obrigatória. Eu acho que foi um implemento muito importante. Nós tivemos no currículo anterior a implementação

da dança que foi algo muito importante a gente manteve isso nesse currículo. E próximo passo seria a implementação de disciplina de massagem terapêutica ou até essa visão mais holística como parte obrigatória na próxima revisão curricular (LIMA VERDE).

Muitas, inclusive com a própria disciplina de Lutas e Capoeira, minha área específica (LARA).

Acredito que sim. Conteúdo sem repetições, bem associados ao mundo do trabalho, com ações que se propõem a integrar conhecimentos. Atividades práticas desde o primeiro semestre do curso (ELDER).

Sim. Do início quando se pensava no tecnicismo. Depois foram feitas reformas obedecendo leis federais que podemos elencar: estágios com seus coordenadores; e quantidade de horas; graduação plena com 3.200 horas; implementação das unidades curriculares, etc. (JOSÉ).

Para Ferreira (2012, p. 47) o objetivo das lutas nas aulas de Educação Física Escolar “[...] são inúmeros, desde a contribuição pedagógica até o desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo do estudante. ” Destarte, não podemos deixar de salientar que as lutas são um excelente componente para trabalhar a Cultura Corporal.

Os entrevistados asseveram, mais uma vez, a importância da práxis, ao aludirem que foram inseridas práticas desde o primeiro semestre, firmando a importância de vivências teóricas e práticas. Assim como na questão anterior, os professores ressaltam a importância do Estágio como o espaço de articulação entre a teoria e a prática, demonstrada através do aumento de carga horária.

Por via de consequência, a Cultura Corporal fica mais evidente com inserção destas novas disciplinas no currículo, que valorizam os vários contextos onde a mesma vai se manifestar.

5.4 PARTE IV – CULTURA CORPORAL

A Cultura Corporal foi o objeto de estudo da presente pesquisa. Motivo pelo qual foram investigados indicativos deste componente curricular nas diferentes disciplinas.

5.4.1 A Cultura Corporal no Curso de Educação Física da UFC

Qual a Cultura Corporal presentes no currículo do curso de Educação Física da UFC?

•Mudanças nas disciplinas e do currículo Disciplinas teóricas e práticas

O depoimento dos professores aborda a Cultura Corporal de forma abrangente, desde o entendimento de que é tudo o que um grupo de pessoas compartilha na forma de atividades físicas, até o exposto no currículo do curso referente à legislação vigente nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

Nós temos aqui disciplinas relacionadas aos esportes individuais e coletivos, relacionado as danças, as lutas, relacionado aos esportes aquáticos. Basicamente são essas disciplinas que contemplam essa cultura do movimento corporal do movimento. Essas disciplinas são teórico-práticas (GABRIEL).

Olha se a gente pensar nos cinco elementos da Cultura Corporal, pensando na abordagem crítico-oradora que é dança, ginástica, jogos, brincadeiras e esportes, hoje o nosso currículo apresenta esses cinco elementos. Nós temos danças, nós temos luta, nós temos ginástica, jogos e brincadeiras, nós temos todos os esportes mais tradicionais do Brasil, principalmente do quarteto-mágico do futebol / futsal, basquete / handball / vôlei, natação e atletismo. Também nos temos outros, mas o básico a gente tem (LIMA VERDE).

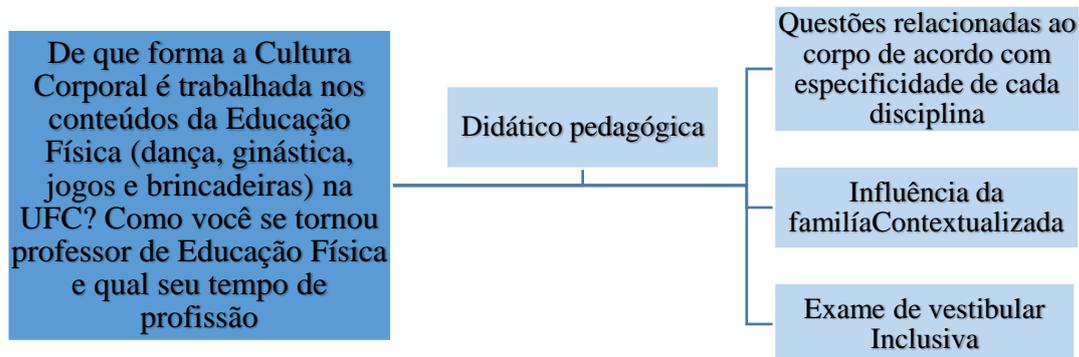
Se entendi sua pergunta, são os vários os temas, alguns exemplos: esportes coletivos, entre basquete, voleibol, vôlei de praia, etc; diferentes ginásticas, capoeira, judô, karatê, dentre outros que compõem a base mais complementar do currículo e que formam ainda a área específica da Ed. Física (LARA).

Acho que ainda prevalece a cultura focada nos esportes coletivos e individuais. Práticas de lazer e alternativas poucas. Os próprios conteúdos de saúde são raros (ELDER).

Nessa legislação, a Cultura Corporal é apresentada no PCN contemplando cinco componentes: o Jogo, o Esporte, a Dança a Ginástica e a Luta, que são os conteúdos explícitos no currículo dos cursos de licenciatura em Educação Física, com o intuito de serem trabalhados na escola (BRASIL, 1997).

Outro aspecto que merece uma atenção especial nas respostas dos professores sobre a Cultura Corporal presente nos Cursos de Licenciatura e no currículo foi a necessidade de que os professores de Educação Física tivessem, no âmbito de sua formação, disciplinas que tratem dos componentes da Cultura Corporal, sem que isto implique necessariamente que ele domine todos os gestos motores referentes aos conteúdos apresentados.

5.4.2 Cultura Corporal dos componentes curriculares do Curso de Educação Física da UFC



Foram encontrados, em diferentes documentos e falas, perspectivas filosóficas e pedagógicas diferenciadas alusivas à Cultura Corporal. Por esse motivo, foi importante compreender de que forma este conteúdo foi ministrado no Curso de Educação Física (dança, ginástica, jogos e brincadeiras) na UFC. Sobre essa questão os sujeitos da pesquisa assim se posicionaram:

Na última avaliação que nós tivemos dos profissionais aqui do curso de Educação física, a gente verificou aqui que a avaliação institucional realizada pelos alunos. E as avaliações foram muito boas. Então eu acredito que nós aqui na UFC temos um grupo altamente especializado em todas essas áreas que se mencionou dança, ginástica, jogos e brincadeiras. Eles já têm seus laboratórios que ajudam. E eles utilizam diversas estratégias. Então nosso potencial é ter diversos profissionais que vem de diferentes regiões do país. Eles investem nessas formações tanto a nível nacional como a nível internacional. Utilizam diversas estratégias que ao todo elas se complementam (GABRIEL).

Específica de cada modalidade, mas entendendo os limites de cada um, além de respeitar toda uma cultura corporal internalizada desde sua infância (JOSÉ).

O discurso dos professores nos levou a depreender que a forma como a Cultura Corporal era trabalhada no conteúdo do currículo do curso da Educação Física apontava para a presença de uma miscigenação de fundamentos epistemológicos, teóricos e técnicos que permeiam ou que definem a Cultura Corporal dos docentes do curso.

Dentre os múltiplos aspectos levantados nas falas dos professores, particularmente, os que integram a prática pedagógica do professor do curso em tela, a Cultura Corporal vivenciada por cada docente merece destaque, pois exerce forte influência sobre o que os professores ensinam e o que os alunos aprendem. A forma como esta se realiza nas unidades de ensino do sistema educacional também é merecedora de reflexão.

Essa discussão nos remete ao pensamento de Silva (2000), que através de seus estudos, externa a preocupação com as questões que o currículo busca responder, ao

manifestar seu pensamento de que ele não é o local de transmissão de conhecimento concebido, apenas com uma revelação ou transcrição do “real”. Defende que o currículo envolve a construção de significados e valores culturais à medida que o compreende como “um local onde, ativamente, se produzem e se criam significados sociais” (SILVA, 2000, p. 56). A partir dessa concepção, o currículo vai definir uma Cultura Corporal, que abrange o processo e as singularidades do sujeito. Isso pode ser observado no discurso dos professores a seguir:

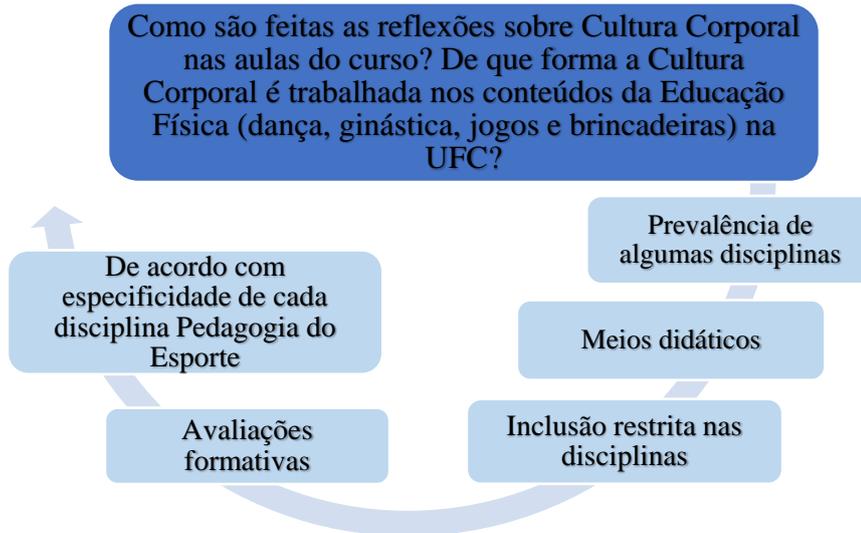
Cada professor tem a sua forma de trabalhar, difícil a gente comentar a forma de cada professor. O que eu posso dizer que corpo docente da gente é muito bom. Todos os professores, sejam da dança, ginástica jogos e brincadeiras, lutas e esportes, são professores que dominam muito o conteúdo e que tem uma perspectiva não excludente. Então eu acho que essa questão da inclusão está em todos eles e em conhecimento aprofundado sobre cada um desses temas ele é realmente repassado (LIMA VERDE).

De forma didático-pedagógica que oferece ao aluno a possibilidade vivenciar, refletir e apreender informações básicas acerca dos temas e como aplicá-los em sua profissão, sob as dimensões procedimentais, conceituais e atitudinais (LARA).

Acredito que seja numa perspectiva de contextualizar com o mundo do trabalho e com as características de nossa sociedade. Em termos de cultura local e global (ELDER).

Tais reflexões demonstram que o currículo não pode limitar-se a áreas de conhecimento restrito, daí a necessidade de a interdisciplinaridade vir contemplada no Projeto Curricular. Sobre esse aspecto, Vygotsky (1994, p. 108) adverte para resistirmos à tentação de realizar uma superposição de disciplinas por ocasião da elaboração de Projetos Curriculares, ao afirmar que “o aprendizado é mais que a capacidade de pensar, é a aquisição de muitas capacidades especializadas para pensar sobre várias coisas”. Isso se deve ao fato de o autor defender que o conhecimento é uma produção cultural que inclui os acontecimentos ditos científicos ou lógicos matemáticos, mas não fica restrito a eles. Por esse motivo, restringir o ensino a áreas específicas diminui não só a amplitude do conhecimento, como também a possibilidade de realização de uma mudança de concepção sobre Cultura Corporal, uma vez que as práticas de ensino se encontram intrinsecamente relacionadas com as práticas pedagógicas dos professores que são permeadas pelos seus valores e ideologias, dentre outros aspectos.

5.4.3 Reflexões sobre Cultura Corporal nas aulas



Tendo em vista compreender a estrutura curricular do Curso, foi proposta uma conscientização do professor, visando desenvolver o pensamento reflexivo sobre Cultura Corporal nas aulas ministradas pelos professores.

Então, nós trabalhamos especificamente nas disciplinas essenciais da Educação Física esses conteúdos, por exemplo como falei antes no esporte, na dança, nas lutas. Mas eu vejo que as vezes as disciplinas mais rígidas relacionadas a anatomia, fisiologia talvez seja pouco trabalhada. Mas isso é uma opinião pessoal. Não digo que acontece (GABRIEL).

Mais ou menos parecido com a pergunta anterior. O que eu posso dizer que nas minhas aulas eu sempre tento estar trabalhando, a gente está pensando uma avaliação formativa dos nossos alunos, você receber nossa turma com uma avaliação diagnóstica correta, fazer uma avaliação formativa ao longo do semestre. Você está pensando e ter um olhar humanizado sobre as pessoas. Não lidar com as pessoas a partir de aparência, não a partir de vestimenta. São essas reflexões para agente trabalhar num país mais justo, numa sociedade um pouco melhor e uma vida um pouco mais ajustada para todos nós (LIMA VERDE).

Por diferentes meios didáticos: discussões de textos; estudos dirigidos, situações problemas; metodologia lúdica; filmes, filmagens, dramatização, desenhos, etc. (LARA).

Ainda muito restrito às disciplinas, e não em outros espaços formativos. Temos começado a discutir mais no colegiado do curso e nas reuniões do NDE. Mas a inclusão dos alunos nessas discussões ainda é pequena (ELDER).

Levando em consideração o já especificado na pergunta anterior e procurando desenvolver a criatividade do aluno a partir de reflexões. Podemos dizer que um aporte muito importante que se alicia ao processo é a pedagogia do esporte (JOSÉ).

Os professores ao se manifestarem sobre como a reflexão é tratada com os seus alunos quando estão ministrando suas aulas expressam a importância de resgatar complexidade da docência no ensino da Educação Física, com o intuito de superar o caráter de aplicação voltada para os jogos, brincadeiras e exercício, como se dispensasse um processo formativo para trabalhar esses conteúdos com os alunos.

É preciso que se repense esse caráter tecnicista que permeia o ensino da Educação Física, visando a superação de seus limites para alcançar uma formação permanente que assuma um caráter crítico-reflexivo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa nasceu do desejo de dar uma contribuição mais efetiva ao debate sobre a Cultura Corporal na formação de professores de Educação Física e dessa forma constituiu-se um desafio em meio à minha experiência como professor em seus diversos espaços pedagógicos. Foi uma oportunidade de crescimento pessoal e profissional e principalmente de aproximação com a realidade da Cultura Corporal no campo de uma formação realizada na convivência com a lógica do capital e do mercado.

Encerrar um trabalho de pesquisa dessa natureza requer organização, superação das dúvidas que nos ajudam a compreender as contradições da cultura Corporal na vida dos docentes de Educação Física e dos seus alunos.

A realização da pesquisa ajudou-me, ainda, a vencer os desafios acadêmicos e a superação dos limites da lógica baseada no “corpo sarado” e da “geração saúde”.

Para a compreensão da Cultura Corporal do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFC foi necessário investigar a sua natureza na prática pedagógica do docente e nos níveis do currículo prescritivo, perceptivo e oculto. Tal entendimento levou-nos a investigar como as concepções e práticas relativas ao desenvolvimento da Cultura Corporal se fazem presentes no Currículo do citado Curso. Assim, consideramos alcançados os objetivos do trabalho, direcionados aos significados atribuídos à Cultura Corporal na história da Educação Física, como ciência que envolve corpo e movimento; à compreensão de como Cultura Corporal se faz presente na estrutura curricular do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Ceará e que repercussões traz para a formação de seus alunos; e às formas como concepções da Cultura Corporal interferem na prática pedagógica dos estudantes e professores do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFC.

Tendo em vista o exposto, a pesquisa buscou investigar a Cultura Corporal dos professores do curso de Licenciatura em Educação Física da UFC, visando à compreensão dos seus elementos teórico-metodológicos, suas práticas e suas manifestações prática docente dos professores do curso. Os resultados deixaram as seguintes reflexões:

- a) Os cursos de graduação tecnológica possuem características que lhes são peculiares, as quais conferem à formação profissional elementos que conciliem qualidades e exigências legais do ensino superior, além da utilização dos conteúdos inerentes ao mundo do trabalho. Dessa forma, é necessário adotar uma prática pedagógica que considere o perfil do profissional exigido pelo

mercado de trabalho, o que será levado em conta na formulação de propostas metodológicas voltadas para o ensino no âmbito da licenciatura;

- b) Por ocasião do processo de ensino-aprendizagem dos alunos dos cursos de licenciatura em Educação Física, é importante adotar uma prática docente que supere uma visão “aplicacionista” da Educação Física voltada para o tecnicismo. Tal iniciativa vai contribuir para uma nova Cultura Corporal que contemple professor e aluno, o sujeito da aprendizagem, no que se refere às suas responsabilidades éticas diante do mundo e dos diferentes grupos étnico-culturais. Essa conduta propicia o afloramento do perfil profissional esperado do professor de Educação Física na direção da construção de uma postura crítica-reflexiva;
- c) A prática pedagógica do professor é o resultado de um processo dinâmico e multifacetado, construído ao longo de sua história de vida, no decorrer do seu percurso formativo e de suas interações sociais, o qual vai constituir sua Cultura Corporal. Por essa razão, é preciso que os processos formativos dos professores sejam repensados, no sentido de lhes oferecer alternativas substanciais para superarem a repetição das práticas vivenciadas na sua trajetória estudantil e da empiria. Vale destacar que a avaliação corporal tem sido pensada para múltiplos usos, sendo fundamental a quem ensina e a quem aprende, servindo tanto para reforçar determinada situação, quanto para corrigir erros, falhas ou distorções;
- d) Percebe-se que, apesar do esforço dos gestores e professores na elaboração de uma Proposta Curricular fundamentada na Cultura Corporal marcada pela reflexividade, surgem contradições no processo avaliativo entre os professores, pois em seus depoimentos, na maioria, encontram-se voltados para uma postura mais tecnicista.

A compreensão da Cultura Corporal possibilitou ao corpo docente, discente e aos gestores perceberem-na como a mais adequada para essa modalidade de curso, por conceder ao aluno a oportunidade de participar da análise dos seus avanços e recuos, compará-los aos padrões desejáveis e traçar suas metas de aprendizagem. O foco é o desempenho do aluno articulado ao trabalho pedagógico, do qual fazem parte tanto os objetivos quanto a metodologia para alcançá-los. Tal postura vai estimular o caráter crítico-reflexivo dos alunos

e dos professores, a fim de possibilitar o desenvolvimento de posturas e atitudes favorecedoras da formação de profissionais empreendedores de si mesmos.

Vale destacar, ainda, que a construção de uma nova Cultura Corporal leva os pedagogos, professores e gestores a repensarem a prática pedagógica que vem sendo desenvolvida no curso de Educação Física. Isso significa levar em conta não apenas os aspectos instrumentais do processo de ensino-aprendizagem, mas também de que forma a subjetividade dos alunos se processa. Assim, a relação professor-aluno poderá ser trabalhada a partir do aprofundamento de temas que venham a esclarecer as possíveis limitações ou erros.

Diante do exposto, pode-se perceber que a pesquisa evidenciou o benefício que se levaria aos alunos, caso as instituições de ensino superior, sobretudo a UFC, desenvolvessem essa modalidade de curso e adotassem uma Cultura Corporal, que levasse em conta o aspecto formativo da Cultura Corporal, considerando a individualidade do aluno, suas experiências, com critérios flexibilizados, rompendo-se com toda e qualquer forma de apreciações equalizantes.

Espera-se que esta reflexão sirva de inspiração para ajudarmos a formar professores críticos e reflexivos de suas práticas, cientes de seu lugar no mundo enquanto produtores de saber.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. A. B. de; GUTIERREZ, G. L. A regulamentação da profissão de Educação Física no Brasil: aspectos legais. **Revista Digital**. Buenos Aires. v. 2, n. 118, mar., 2008.
- ALVES, G. **A condição de proletariedade**: a precariedade do trabalho no capitalismo global. Londrina: Práxis, 2009.
- ANASTASIOU, L. G. C. **Docência no Ensino Superior**. v.1. São Paulo: Cortez, 2002.
- ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2013.
- _____. Trabalho e precarização numa ordem neoliberal. In: GENTILI, P.; FRIGOTTO, G. (Orgs). **A cidadania negada**: Políticas de exclusão na educação e no trabalho. São Paulo: Cortez, 2001.
- ANZAI, K. O corpo quanto objeto de consumo. **Revista Brasileira do Ciências do Esporte**, v.21, n.2/3, jan./maio, 2000. Disponível em: <<http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/786/458>>. Acesso em: 20 out. 2016.
- ARROYO, M. G. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- AYRES, J. R. C. Uma concepção hermenêutica de saúde. **physis**. v.17, n. 1, 2007.
- BAGNARA, I. C.; LARA, A. A.; CALONEGO, C. O processo histórico, social e político da evolução da Educação Física. Buenos Aires. **Revista EFDeportes.**, v.15, n.145, jun., 2010. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/Revista_Digital_Buenos_Aires_Año_15_Nº_145_Junio_de_2010>. Acesso em: 20 out. 2016.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio e Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2001.
- BLUMER, H. A natureza do interacionismo simbólico. In: MORTENSE, C.D. **Teoria da comunicação**: textos básicos. São Paulo: Mosaico, 1980.
- BOGDAN, R. C e BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.
- BOURDIEU, P. **El Sentido Práctico**. Madrid: Taurus, 1991.
- BRASIL. **Resolução CNE/CES nº 07/2004**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Educação Física, em nível superior de graduação plena. Brasília, 2004.
- _____. **Resolução CNE/CP nº 1/ 2002**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Brasília, 2002a.

_____. **Parecer CNE/CES nº 0138/2002**. Brasília, 2002b.

_____. **Lei nº 9696/98**. Dispõe sobre a regulamentação da Profissão de Educação Física e cria os respectivos Conselho Federal e Conselhos Regionais de Educação Física. Brasília, 1998.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, 1997.

CAETANO, A. A Educação Física em tempos modernos... No derretimento dos “sólidos” e na era da “Fluidez”. Buenos Aires. **Revista EFDeportes.**, v.14, fev, 2010.

CAVALCANTI, D.R.M. O surgimento do conceito “corpo”: implicações da modernidade e do individualismo. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, n.9, set. de 2005.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber às práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2013.

CODO, W.; SAMPAIO, J.J.C.; HITOMI, H. **Indivíduo, trabalho e sofrimento**. Petrópolis: Vozes, 1993

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 2002.

CUNHA, M.I da C. **O bom professor e sua prática**. 6. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

DAOLIO, J. **Cultura: educação física e futebol**. 4. ed. rev. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014

_____. **Da cultura do corpo** – 17. ed. – Campinas, SP: Papyrus, 2013.

_____. **Educação Física e o conceito de cultura**. Campinas, Autores associados, 2004.

_____. **Educação física e o conceito de cultura**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

_____. Os significados do corpo na cultura e suas implicações para a Educação Física. **Movimento**. v. 2, n. 2, jun., 1995.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2005.

DAVID, N. A. N. **A formação do profissional docente em educação física: dicotomias e rupturas no campo da formação e da prática**. In: CONGRESSO GOIANO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 6. 2009. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/congoce/VICONGOCE/paper/viewPaper/1847>>. Acesso em: 22 dez. 2016.

ENGELS, F. **Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem**. 1999. Disponível em: <http://forumeja.org.br/sites/forumeja.org.br/files/F_ANGELS.pdf>. Acesso em: 20 set. 2016.

ENGELS, F.; MARX, K. **A Ideologia alemã**. São Paulo: Martin, 2005.

- FERREIRA, H. S. **Ensino de lutas na escola**. Fortaleza: Peter Rohi Edição e Comunicação, 2012.
- FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro: Teoria e Prática da Educação Física**. São Paulo: Scipione, 1989.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- FURTADO, Heitor Luiz. **Educação física e epistemologia uma relação necessária**. Buenos Aires. EFDeportes.com, Revista Digital. v.19, n. 93, jun., de 2014. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd193/educacao-fisica-e-epistemologia-uma-relacao-necessaria.htm>>. Acesso em: 04 jan. 2017.
- GHANEM, E.; NEIRA, M. G. (orgs.) **Educação e diversidade cultural no Brasil: ensaios e práticas**. Araraquara: 2014.
- GIL, A.C. **Estudo de caso**. São Paulo: Atlas, 2009.
- GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.
- GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.
- GONÇALVES, A. S.; AZEVEDO, A. A. A re-significação do corpo pela Educação Física escolar, face ao estereótipo de corpo ideal construído na contemporaneidade. **Pensar a Prática**, [S.l.], v.10, n. 2, p.33-51, set. 2007. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/1083/1683>>. Acesso em: 04 jan. 2017.
- GOODSON, I. F. **Currículo: teoria e história**. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. (Ciências sociais da educação).
- GRAMORELLI, L. C. **A cultura corporal nas propostas curriculares estaduais de educação física: novas paisagens para um novo tempo**. 2014. 125 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2014.
- HALL, S.A. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DPA, 2006.
- IMBERNÓN, F. **Formação continuada de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010
- IMBERNÓN, F. **Formação docente profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 6. Ed. São Paulo: Cortez, 2006
- KNOOP, G. C. A influência da mídia e da indústria da beleza na cultura de corpolatria e na moral da aparência na sociedade contemporânea. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 4. 2008, Salvador. IV Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Salvador: UFBA, 2008.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Técnicas de Pesquisa:** planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LARAIA, R. De B. **Cultura um conceito Antropológico.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001.

LIMA, M. S. L. Práticas de estágio supervisionado em formação continuada. *In:* ROSA, D. E. G.; SOUZA, V.C. de. (Org.). **Didáticas e práticas de ensino:** interfases com diferentes saberes e lugares formativos. Rio de Janeiro, v.1, p.243-253, 2002.

LIMA, M. S. L. **Formação contínua do professor nos caminhos e descaminhos do desenvolvimento profissional.** 2001. 122 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo USP, 2001.

LIMA, M. S. L.; GOMES, M. O. Redimensionando o Papel dos Profissionais da Educação: algumas considerações. *In:* PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil:** gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez, 2002.

LIMA, M. S. L.; NASCIMENTO, A, M, do. **O Estágio na formação do pedagogo: reflexões e vivências.** *In:* Albuquerque, J.V; et al (Orgs). Belém: EDUEPA, 2015.

LIMA, J.F.A. Considerações sobre a formação do professor de Educação Física: desafios e perspectivas. *EFD*Desportes.com, Buenos Aires. **Revista EFD**Desportes, v.17, n.178. mar. 2013.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação:** Abordagens Qualitativas. Rio de Janeiro: E.P.U., 1986.

LUDORF, S. M. A. A prática pedagógica do professor de Educação Física e o corpo de seus alunos: um estudo com professores universitários. **Pensar a Prática**, [S.l.], v.8, n.2, p.243-256, nov. 2006. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/117/1756>>. Acesso em: 04 jan. 2017.

LUDORF, S. M. A. Corpo e formação de professores de educação física. **Interface** (Botucatu), Botucatu, v.13, n.28, p.99-110, mar., 2009.

MARCONI, M. de A. e LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa:** planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MARX, K. **O capital:** crítica da economia política. Livro 1. 17. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira. Livro I, v. 2, 2001.

MILSTEIN, D. e MENDES, H. **Escola, corpo e cotidiano escolar.** São Paulo: Cortez, 2010.

NASCIMENTO, D. E. do. AFONSO, M. R. Os corpos na sociedade contemporânea. Buenos Aires. **Revista EFD**Deportes. v.18, n.190, mar. 2014. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/efd190/os-corpos-na-sociedade-contemporanea.htm>>. Acesso em: 25 dez. 2016.

NEIRA, M. G. e NUNES, M. L. F. **Educação física, currículo e cultura**. São Paulo: Phorte, 2009.

_____. **Educação física na perspectiva cultural**: proposições a partir do debate em torno do Ensino Fundamental de nove anos. *Horizontes (EDUSF)*, v.27, p.79-89, 2009.

_____. A Educação Física em contextos multiculturais: concepções docentes acerca da própria prática pedagógica. **Currículo sem fronteiras**. v.8, n.2, 2008.

_____. Cultura corporal patrimonial: os saberes dos excluídos como ponto de partida para a elaboração do currículo da educação física. **Educere**, v.19, p.161-177, 2006.

_____. NUNES, M. L. F. **Pedagogia da cultura corporal**: crítica e alternativa. São Paulo: Phorte, 2006.

_____. UVINHA, R. R. . **Cultura corporal**: diálogos entre Educação Física e Lazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

_____. **Práticas corporais**: brincadeiras, danças, lutas, esportes e ginásticas. São Paulo: Melhoramentos, 2014. (Coleção: Como eu ensino)

_____. NUNES, M. L. F. (Orgs.) **Educação Física cultural**: por uma pedagogia da (s) diferença(s). Curitiba: CRV, 2016.

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisa em administração**, v.1. n. 3, 1996.

NOGUEIRA, M.A. **A formação cultural de professor ou a arte da fuga**. Goiânia: Editora UFG, 2008.

NÓVOA, Antônio. **Os professores e a sua formação**. 3. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997.

NUNES, M. L. F. **Educação Física**: cultura escolar, política e alternativas. In: **Anais...** do I SEMINÁRIO DE METODOLOGIA DE ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA - FEUSP., São Paulo: 2006.

_____. RÚBIO, K. O(s) currículo(s) da Educação Física e a constituição da identidade de seus sujeitos. **Currículo sem Fronteiras**, v.8, n.2, p.55-77, jul./dez., 2008.

_____. Educação Física: a resignificação de uma prática a partir do acompanhamento pedagógico. Buenos Aires. **Revista EFDeportes** , v.10, n.71, abr. 2004.

OLIVEIRA, V. M. **O que é Educação Física**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

PELEGRINI, T. Imagens do corpo: reflexões sobre as acepções corporais construídas pelas sociedades ocidentais. Maringá, PR. **Revista Acadêmica Multidisciplinar Urutágua**, n.8. dez./mar. 2004.

PEREIRA, R. S. Et Al. O impacto das novas diretrizes curriculares nacionais na formação dos professores de Educação Física. Buenos Aires. . **Revista EFDeportes**, v.12, n.110, jul, 2007.

PIMENTA, S. G. et al, Didática: dispersão epistemológica e/ou variações em torno de um objeto complexo? **Revista Brasileira de Educação**, v.18, n.52, jan./mar., 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v18n52/09.pdf>>. Acesso em 02 jan. 2017.

PIMENTA, S. G. **Didática e formação de professores: percursos e perspectivas no Brasil e em Portugal**. 5. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

_____. **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. e LIMA, M. S. L. **Estágio e docência**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

_____. O Estágio na Formação de Professor: Unidade entre teoria e prática? **Caderno de Pesquisa**. São Paulo: n.94, p.58-73, ago. 1995.

_____. Pesquisa e formação de professores: contextualização histórica e epistemológica de um projeto integrado. In: GUIMARÃES, V. S. **Formar para o mercado ou par autonomia? O papel da universidade**. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

_____. ANASTASIOU, L. das G. C. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2002.

RIBEIRO, G. M.. O professor de Educação Física frente aos desafios do culto ao corpo na sociedade atual. Buenos Aires. **Revista EFDeportes**, v.16. n.161, out., 2011. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd161/culto-ao-corpo-na-sociedade-atual.htm>>. Acesso em: 04 jan. 2017.

ROSA, J. T. Vale da.; ASSIS, M. R. **A expectativa dos frequentadores de academia em relação ao corpo do professor de educação física**. Rio de Janeiro. v.9, n.1, p.79-88, jan. 2013.

SACRISTÁN, J. G. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SANTOS, L.A.; MEDEIROS, J.F.S. A mercantilização do corpo: mídia e capitalismo como principais agentes da promoção do consumo e do mercado. **Espaço Plural**. v.12. n.24. jan./jun., 2011.

SANTOS, L. A. Publicidade e mercantilização do corpo na contemporaneidade. Comunicação & Inovação. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da USCS**. v.13, n.24, 2012. Disponível em: <http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/1359/0>. Acesso em: 28 nov. 2016.

SELBACH, S. **Educação física e didática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SELLTIZ, C.; WRIGHTSMAN, L. S.; COOK, S. W. **Métodos de pesquisa das relações sociais**. São Paulo: Herder, 1965.

SILVA, C. S. B. **Curso de Pedagogia no Brasil: história e identidade**. Campinas: Autores Associados, 1999.

SILVA, K. V. SILVA, M.H. **Dicionário de Conceitos**. Ed. Contexto. São Paulo: 2006. Disponível em: <<https://efabiopablo.files.wordpress.com/2013/04/dicionc3a1rio-de-conceitos-histc3b3ricos.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2016.

SILVA, T.T. **Teorias do currículo: uma introdução crítica**. Porto: Porto Editora, 2000.

SILVA, O.O.N. Licenciatura e Bacharelado em Educação Física: diferenças e semelhanças. **Revista Espaço Acadêmico**. n.124, set., 2011.

SOARES, E.V. Educação Física no Brasil: da origem até os dias atuais. Buenos Aires, **Revista EFDeportes**, v.17, n.169, jun., 2012.

SOARES, C.L. et all. **Metodologia do ensino da de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Pesquisa Qualitativa: Técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**. 2. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TEIXEIRA, D. **O corpo no esporte escolar, de lazer e de alto nível: um diálogo na busca de significados**. Maringá: Eduem, 2001.

TERRIEN, J. Pedagogia: A definição de um campo profissional de conhecimento. In: ALBUQUERQUE, L. BOTELHO (Org). **Currículos Contemporâneos**. Fortaleza: Editora UFC. 2005.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Projeto político pedagógico do curso de educação física da Universidade Federal do Ceará**. Fortaleza: UFC, 2012.

VAZ, A.F. Ensino e formação de professores e professoras no campo das práticas corporais. In: VAZ, A.F.; SAYÃO, D.T.; PINTO, F.M. (Orgs.). **Educação do corpo e formação de professores: reflexões sobre a prática de ensino de educação física**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.

VEIGA, I. P. (Org.). **Projeto Político-Pedagógico da escola: uma construção possível**. 23. ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2007.

VYGOTSKY, L. S. **A formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

ANEXOS

ANEXO A - Termo de Consentimento



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ- UECE
CENTRO DE EDUCAÇÃO- CED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO- PPGE
MESTRADO ACADEMICO EM EDUCAÇÃO



TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, Carlos Alexandre Holanda Pereira, mestrando do curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará, sob a orientação da Profa. Maria Socorro Lucena Lima, estou convidando você a participar da pesquisa intitulada, **CULTURA CORPORAL E FORMAÇÃO DE PROFESSOR NO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFC**, cujo objetivo precípuo consiste em compreender as relações estabelecidas entre as concepções e práticas relativas ao desenvolvimento da Cultura Corporal no Currículo do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Ceará.

Para que você faça parte desta investigação, será necessário que responda a algumas perguntas em forma de questionário. As informações relacionadas ao estudo somente serão veiculadas sob forma codificada, para que a confidencialidade seja mantida. Quando os resultados forem publicados, não aparecerá seu nome, e sim um código. Você não será beneficiado (a) física, psíquica ou financeiramente ao participar desse estudo. O benefício à pesquisa se dá decorrente de sua experiência, que vem a contribuir de forma decisiva a esse estudo.

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós. Muito obrigado!
 Fortaleza, ____ de _____ de 2016.

Nome e assinatura do sujeito da pesquisa

Nome(s) e assinatura(s) do(s) pesquisador(es) responsável(Responsáveis)

ANEXO B - Questionário



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ- UECE
CENTRO DE EDUCAÇÃO- CED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO- PPGE
MESTRADO ACADEMICO EM EDUCAÇÃO

Questionário

Nome: _____

Disciplinas: _____ . Semestre: _____

Parte I – Identificação e Profissão

1. Fale sobre a profissão do professor de Educação Física na sociedade atual e sobre as mudanças que ocorreram na profissão.

2. Quais as principais preocupações das IES no tocante da formação dos professores da Educação Física?

3. Como você se tornou professor de Educação Física e qual seu tempo de profissão?

4. Que valores e responsabilidades é esperado do profissional do Ensino em Educação Física?

Parte II – O professor de Educação Física na sociedade atual

5. A Educação Física tem sido apontada como a profissão do futuro devido uma marca muito forte que é a Cultura Corporal, cuidando do corpo aliado a ele o “corpo sarado” e ligado a saúde “geração saúde”. Como isso tem chegado ao Curso de Educação Física e como o Curso da UFC tem respondido a essa demanda?

-
-
-
-
-
-
-
-
6. O que a Cultura Corporal tem implicado no próprio corpo do professor de Educação Física e na sua vida pessoal, levando em conta a dimensão social e econômica?

-
-
-
-
-
-
-
-
7. Como fica a formação do professor de Educação Física na sociedade atual entre a precarização do trabalho e o culto ao corpo?

Parte III – O curso de formação

8. Quem são os alunos do curso de Educação Física da UFC?

-
-
-
-
-
-
-
-
9. Qual a sua percepção sobre o currículo do curso de Educação Física da UFC?
-
-
-
-

10. A proposta curricular do Curso de Educação Física da UFC apresenta inovações em relação a proposta anterior? Quais são elas?

Parte IV – Cultura Corporal

11. Qual a Cultura Corporal presentes no currículo do curso de Educação Física da UFC?

12. Em sua opinião, de que forma a Cultura Corporal é trabalhada nos conteúdos da Educação Física (dança, ginástica, jogos e brincadeiras) na UFC?

13. Como são feitas as reflexões sobre Cultura Corporal nas aulas do curso?

Muito obrigado